

palavra

ano 13. número 12. 2023. sesc. literatura em revista.

sesc

LITERATURA BRASILEIRA

OS ÚLTIMOS 20 ANOS
DA LITERATURA NACIONAL

+ CONTOS, CRÔNICAS,
POEMAS E ILUSTRAÇÕES

TEXTO INÉDITO
DE JOSÉ SARAMAGO





20
23

O termo “revista” se origina do latim *revidere* (prefixo *re* + verbo *videre*), que significa “ver de novo”. Se o ditado popular também diz que “recordar é viver”, valeria lembrar que esse primeiro verbo tem etimologia parecida (*re* + *cordis*). Ou seja, recordar seria como “trazer de volta ao coração”.

Esta edição da revista é especial, justamente porque rememoramos nosso passado, situando-o num retrato da literatura produzida no país do presente. Considerando o volume de atividades realizadas pelo Sesc – Serviço Social do Comércio em todo o Brasil para promover a nossa rica e diversa produção literária, nosso desafio é apontar um pouco dessa variedade.

Nesse sentido, vale destacar o projeto Arte da Palavra – Rede Sesc de Leituras, maior circuito literário do Brasil, no qual cerca de 50 artistas (entre escritores de todos os segmentos, poetas, rappers, contadores de histórias e oficineiros) de quase todos os estados realizam cerca de 500 apresentações, debates e ações formativas ao longo do ano, costurando as dimensões continentais do nosso território. A maioria dos colaboradores desta edição está entre os participantes do Arte da Palavra.

Celebramos também os 20 anos de Prêmio Sesc de Literatura, projeto voltado para autores inéditos em romance e conto. Em duas décadas, mais de 20 mil livros foram inscritos, dos quais 37 prosadores brasileiros de todas as regiões foram revelados. Além de as obras serem publicadas pela editora Record, os vencedores circulam pelo país em diversos eventos e atividades culturais. Nesta edição será possível conhecer um pouco mais sobre as obras vencedoras das edições 2022 e 2023, na seção “Dicas de leitura”.

ORTO

Palavra

Para saber como surgem as obras literárias, entrevistamos Cassiano Elek Machado, diretor do Grupo Editorial Record, um dos maiores da América Latina, que nos dá também um panorama da área do livro no país.

Nessa linha, a matéria de capa aborda as duas últimas décadas do mosaico literário brasileiro. A fim de apresentar como essa diversidade se expressa hoje, a revista contém artigos, contos, crônicas, poemas e ilustrações produzidos exclusivamente para esta edição. Sem deixar de fora as nossas oralidades, vários artistas produziram vídeos com apresentações de poesia falada, manifestação tão importante em todo o país.

Vale lembrar que a literatura brasileira está presente na maior rede de bibliotecas privadas do país. Em cerca de 400 unidades fixas e móveis, as nossas letras são protagonistas, por meio de um acervo atualizado e de qualidade para a população.

Temos também o privilégio de publicar um texto inédito em língua portuguesa de José Saramago, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura. Em “O estado de graça da leitura”, o autor de “Ensaio sobre a cegueira” nos apresenta o fascínio que apenas os livros conseguem proporcionar.

É com essa expectativa que produzimos esta edição da Palavra, com o desejo de que as próximas páginas tragam reflexões e sentidos que somente a literatura oferece.

Boas Leituras

A Redação.

SUMÁRIO

ENTREVISTA

Cassiano Elek Machado 8

PLAY NA POESIA

Aliã Wamiri Guajajara 12

Clécio Rimas 22

Adiel Luna 38

Danilo Furlan 52

Marciano Gualberto 56

Cosca e Cold Mansa 70

Madu Costa 76

Mano Dáblío 88

ARTIGO

Henrique Rodrigues 14

João Varella 32

LUSOFONIA

José Saramago 24

Rafael Gallo 30

ILUSTRAÇÃO

Paty Wolff 36

Zé Wellington 54

Rafael Calça 90



CONTO

Braulio Tavares	40
Edyr Augusto Proença	42
Débora Ferraz	44
Pedro Augusto Baía	46
Taiane Santi Martins	50

POESIA

Francisco Alves	58
Nathalia Leal	60
Regina Azevedo	64
Luiza Romão	66
Elisa Pereira	68

DICAS DE LEITURA

Taiane Santi Martins	72
Pedro Augusto Baía	73
Bethânia Pires Amaro	74
Airton Souza	75

CRÔNICAS

Jéssica Balbino	78
Marcelo Moutinho	80
Luciany Aparecida	82
Roberta Marisa	84

EXPEDIENTE 92



ENTRE VISTA

Perguntas para **Cassiano Elek Machado**

Cassiano Elek Machado, jornalista e editor, é diretor editorial do Grupo Editorial Record. Foi repórter e editor do jornal Folha de São Paulo, nas revistas Trip e Piauí, diretor editorial das editoras Cosac Naify e planeta e curador da Flip - Festa Literária Internacional de Paraty.



Primeiramente, gostaríamos de saber como o livro e a leitura chegaram na sua vida.

CEM. Livro e leitura sempre estiveram no meu entorno. Meu pai e minha mãe são jornalistas e grandes leitores, minha tia, a Ruth Rocha, uma presença muito constante na minha infância. Na minha casa sempre tivemos muitas estantes cheias de livros, sempre frequentei lançamentos de livros, livrarias, bienais.

Em que momento você decidiu que se dedicaria a esse trabalho tão importante que é o de editor de livros?

CEM. É curioso que mesmo tendo uma vida toda relacionada ao livro, eu não pensava em edição de livros como uma profissão possível. Só vim a cogitá-la quando eu já estava sendo convidado para trabalhar neste segmento, após vários anos atuando como jornalista da área de cultura, em especial cobrindo o segmento de livros. Depois de ter provado, não quis mais sair.

Muitas pessoas não sabem como nasce um livro. Como funciona o parque gráfico da Record, desde a chegada do livro até a saída rumo aos leitores?

CEM. Nascer mesmo, o livro nasce na cabeça de quem o escreve, e depois no longo processo que leva à formatação dele. Mas desde que temos um conteúdo que consideramos finalizado, o processo da impressão propriamente é rápido, sobretudo num sistema gráfico com o da Record. Temos condições de imprimir 6000 livros por hora em nosso parque gráfico, que fica no mesmo espaço de nossa sede, no Rio. O processo de impressão do sistema Cameron, o utilizado por nós, se assemelha ao de um carimbo.



**INFELIZMENTE,
A EDUCAÇÃO
NUNCA FOI UMA
PRIORIDADE NO
PAÍS, E O LIVRO,
HISTORICAMENTE,
NUNCA FOI UM
GRANDE AMIGO
DA CASA.**



No Brasil, tivemos um decréscimo de 40% no consumo de livros de 2006 para cá. O que explicaria esse encolhimento?

CEM. A relação do Brasil com os livros sempre foi instável: infelizmente, a educação nunca foi uma prioridade no país, e o livro, historicamente, nunca foi um grande amigo da casa. Vale lembrar que antes de 1808, nem podíamos imprimir no país, enquanto países vizinhos já tinham centenas de anos de livros impressos locais. Sendo fruto de uma relação pouco natural, a nossa convivência com o livro oscila muito ao sabor de alguns elementos: do investimento que o governo do momento esteja fazendo no tema, da situação econômica da ocasião, que influencia o hábito de compra, da oferta do livro em pontos de venda próximos ao consumidor, o que também andou mudando bastante, com a quebra de redes como Saraiva e Cultura.

Como seria possível reverter esse quadro?

CEM. As políticas de incentivo à leitura são lentas, mas muito necessárias. Deveriam estar na pauta dos governos, em diferentes esferas, mas também da sociedade civil, até mesmo com o esforço conjunto de editoras.

Apesar desse panorama, notamos um grande interesse de jovens nos grandes eventos. As cenas de adolescentes carregando malas de livros nas bienais vem se repetindo. O que podemos aprender com isso?

CEM. O mercado editorial chegou a projetar, décadas atrás, que com a explosão da cultura digital o jovem seria o primeiro a abandonar o navio, com relação ao livro. E o que veio a acontecer foi o oposto. Os jovens, mais do que os velhos, estão sustentando a cadeia editorial, e com grande interesse pelo livro impresso (não apenas pelos e-books). Os grandes eventos acabam sendo momentos importantes para reforçar este relacionamento dos mais jovens com o livro e a leitura.

Assim como ocorre no cinema, a maior parte da literatura consumida no Brasil ainda é internacional, enquanto na maioria dos países o produto local é sempre mais valorizado. Como fazer o Brasil se ler mais?

CEM. A informação é verdadeira, mas não se aplica a todos os gêneros. Na ficção, de fato temos tido uma surra dos estrangeiros com relação aos nacionais, mas o brasileiro tem se lido cada vez mais em alguns gêneros como a não-ficção, a autoajuda e os livros infantis e juvenis. Na ficção literária, também temos tido avanços importantes. O fenômeno “Torto Arado”, de Ita-

• • •

mar Vieira Jr., e depois dele o fenômeno Carla Madeira são indicadores importantes, e não únicos, de uma mudança de rota. Poucas coisas podem ser mais proveitosas para o ecossistema da ficção nacional do que alguns cases de sucesso como estes. O leitor que sai satisfeito da leitura de obras como “Tudo É Rio” estará mais apto a apostar em outros autores nacionais. E as editoras, de olho no sucesso que este segmento pode representar, também passam a investir mais nas obras locais.

“
**OS JOVENS,
MAIS DO QUE OS
VELHOS, ESTÃO
SUSTENTANDO A
CADEIA EDITORIAL,
E COM GRANDE
INTERESSE PELO
LIVRO IMPRESSO
(NÃO APENAS PELOS
EBOOKS).**



Há 20 anos, a Record é parceira do Prêmio Sesc de Literatura, cujos vencedores têm os livros lançados pela editora. O que o projeto representa para o Grupo Editorial na cena literária brasileira desse período?

CEM. Considero o Prêmio Sesc de Literatura um dos cases mais importantes para a ficção brasileira, e não o digo desde o ponto de vista da Record, já que acompanho o prêmio há muitos anos e só estou na editora há cerca de sete meses. Esta empreitada representa um estímulo imbatível para os escritores: com bases democráticas (como a garantia do anonimato de quem se inscreve, fazendo com que autores menos conhecidos tenham tantas chances quanto os estreados), com investimento importante nos jurados (para garantir que a avaliação seja bem feita), com a parceria com uma editora de grande porte, o Prêmio Sesc cria as condições para que novos talentos se apresentem. Para o Grupo Record é uma honra poder se associar a esta iniciativa, que vem trazendo, entre outros benefícios, a promoção de literaturas de fora do eixo Rio-SP-Porto Alegre-Belo Horizonte, com diversos ganhadores da região Norte, por exemplo.

#PLAYNAPOESIA



ALIAWAMIRI

ALIÃ WAMIRI GUAJAJARA

Indígena Guajajara piauiense, educadora artística, produtora cultural, ilustradora de literatura infantil, contadora de histórias e vice cacica da Aldeia Indígena Ukair em Teresina. Cria projetos de Arte-Educação voltados à cultura indígena, permitindo dialogar com a ancestralidade e contemporaneidade.

Contempla o público infantil, infanto-juvenil, educadores e pesquisadores. Busca afirmar percursos de resistência étnica, interculturalidade e identidade. Confronta tendências dialógicas relacionadas às sociedades indígenas, pretendendo diminuir os distanciamentos entre indígenas e não indígenas.



CONTINUE OUVINDO



MOSAICO DE PALA VRAS

Um panorama da produção literária brasileira dos últimos 20 anos

Por Henrique Rodrigues

Durante a pandemia de Covid-19, a leitura foi “redescoberta” como atividade prazerosa, ao lado de filmes, games e séries.

O interessante é que, mesmo com todas as tecnologias disponíveis, para determinadas leituras os jovens parecem preferir o bom e velho livro impresso.

É fundamental valorizar pretos e pardos como legítimos autores de uma literatura de qualidade, que precisa ser lida e estudada em escala nas redes públicas e privadas.

No início dos anos 2000, caso alguém perguntasse como estaria o mundo dos livros e da leitura em duas décadas, dificilmente haveria uma previsão que passasse perto do quadro atual. Atravessamos – e fomos atravessados por – inúmeras mudanças em diversos aspectos dos modos de ler, escrever e difundir literatura.

Sim, a tecnologia caminhou, independentemente da cadeia produtiva do setor, ora facilitando a vida, ora atropelando nossa falta de estrutura básica. Governos mudaram, a sociedade também. O perfil dos leitores seguiu o mesmo caminho, abrindo novas frentes, fechando outras. A censura deu as caras, ao mesmo tempo em que são buscados novos caminhos para garantir a liberdade de expressão. Houve uma explosão de eventos literários de todo tipo, ao mesmo tempo em que faltam políticas públicas efetivas para a área.

Para tentar resumir o período, vamos lá.

Henrique Rodrigues nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro/RJ, em 1975. É formado em Letras e especialista em Jornalismo Cultural pela Uerj, além de mestre e doutor em Literatura pela PUC-Rio. Publicou 24 livros, entre poesia, crônica, romance, infantil e juvenil, tendo sido finalista do Prêmio Jabuti por "Rua do Escritor: crônicas sobre leitura" (Malê). É colunista do portal PublishNews, onde escreve sobre a vida literária, e trabalha como analista em Literatura do Sesc Nacional.



Silvia Alcântara

Números não tão animadores, mas há esperança

Andamos em *moonwalk* no que se refere a um quadro geral. No Programa Internacional de Avaliação de Estudantes da OCDE (Pisa), o Brasil está em 407º lugar dentre os 473 participantes. Já o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) aponta que 30% dos brasileiros entre 15 e 64 anos estão entre os níveis Analfabeto e Rudimentar – ou seja, não conseguem realizar, total ou parcialmente, tarefas mais complexas relacionadas a leitura e escrita.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que talvez seja a mais relevante em termos quantitativos sobre o assunto, vem nos mostrando nos últimos anos o tamanho da lacuna cultural no setor. O primeiro dado alarmante: 44% da população não costuma ler livro algum, sequer um trecho.

O problema começa cedo. Segundo a Retratos, a maior fonte de acesso a livros seriam as salas de leitura das escolas. O que já aponta para outra questão. O Censo do MEC de 2017 aponta que 61% das escolas públicas não têm o equipamento. O Projeto de Lei 9484/2018, que cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares e aponta esses espaços culturais como obrigatórios, está parado no Senado desde 2019.

Conforme apontam estudos do setor livreiro, de 2006 para cá tivemos um decréscimo de 40% do consumo de livros no país. Segundo a Associação Nacional de Livrarias, temos menos de 3 mil lojas no Brasil. Num tipo de “efeito Tostines”, temos a questão: há poucas livrarias porque se vende pouco ou vice-versa? No período, houve um movimento de grandes livrarias se espalharem, especialmente em shoppings, obrigando os pequenos comércios a fecharem as portas. Mais recentemente, esses mega grupos é que estão decretando falência por possuírem modelos de negócio insustentáveis, dando espaço para que as livrarias de bairro retornem. Durante a pandemia de Covid-19, a leitura foi “redescoberta” como atividade prazerosa, ao lado de filmes, games e séries.

No paralelo, comprar livros pela internet surge como solução, especialmente em função das dimensões continentais do país.

Literatura: como e por que ler

Ouve-se bastante que nossos indicadores de leitura são baixos porque, no Brasil, livro é algo caro. De fato, ao se comparar o valor unitário desse item com a renda média do país, parece bem inacessível. Por outro lado, essa crítica não aparece tanto quando falamos de grandes shows de música, ingressos de cinema e outros serviços de entretenimento. E para ficarmos no universo do consumo, temos um cenário em que numa casa não há livros, mas todos têm aparelhos celulares – esses sim, bem caros. Será que a questão é de preço ou de valor moral atribuído aos bens culturais?

Para pesarmos sobre isso, vale voltar para a escola. Nas últimas duas décadas, a forma de ensinar sobre o que é e como ler literatura não mudou muito. Se nos primeiros anos a relação com livros é feita de forma lúdica e criativa, no fim do Ensino Fundamental e em todo o Médio começa a sequência de decoreba sobre características das etapas históricas (Barroco, Arcadismo, Modernismo e por aí vai), além daquelas atividades que dissecam poemas como se fossem sapos abertos com as vísceras de fora, quando o interessante seria ouvir o coaxar e admirar os pulos do anfíbio. Esses processos causam mais traumas que criam leitores e consumidores de livros ao fim do período escolar.

Desse modo, seria necessário mudar as estratégias de formação de leitores, abrangendo desde a formação dos professores e demais mediadores do processo, para que o encanto com livros na infância se some a outras possibilidades ao longo da vida inteira: aquisição de conhecimento, reflexão sobre si e o próximo, a até entretenimento.

A literatura caiu na rede

No final dos anos 1990, quando a Revolução Digital se firmava, era comum ouvir que “essa tal internet vai matar o livro”. Não só não matou, como os livros ficaram mais bonitos.

A turma que nasceu nessa década criou *fanfics*, grupos de discussão, juntaram-se nos grupos do Yahoo, Orkut, começou a escrever em blogs, ambiente no qual toda uma geração, chamada 00 (em função da primeira década do século XXI), começou a compartilhar seus escritos, pois era muito difícil publicar numa editora convencional. Ironicamente – ou não – muitos autores surgidos no universo dos blogs estão hoje nas grandes casas editoriais.

Os universos digital e impresso aprenderam a conviver, com mais facilidade para o primeiro. No Facebook, Instagram, TikTok e em todas as redes possíveis fala-se de prosa, poesia e quase todo tipo de leitura.

Mas o interessante é que, mesmo com todas as tecnologias disponíveis, para determinadas leituras os jovens parecem preferir o bom e velho livro impresso. A ideia de ter esse objeto portátil (que, diferentemente das parafernálias eletrônicas, não gasta energia, dura décadas e não quebra se cair no chão) é confirmada por aquelas cenas surgidas nas últimas bienais: jovens carregando malas cheias de volumes. Prova de que o formato tradicional do livro é, de fato, uma tecnologia bastante eficaz. E que, por isso mesmo, não deve desaparecer tão cedo: não se trata de uma coisa *ou* outra, mas uma coisa *e* outra.

Publique e divulgue seu livro

Pode parecer um paradoxo em relação ao número reduzido de leitores, mas nas últimas décadas surgiram muitos autores no Brasil. Vale notar que as editoras pequenas assumiram um protagonismo nesse escoamento da produção, revelando uma diversidade brasileira que pouco se conhecia. As facilidades tecnológicas de impressão de pequenas tiragens permitem que mais pessoas realizem o sonho de publicar um livro. Concursos que dão oportunidades a novos escritores mostraram que temos grandes talentos em todo o país.

Prêmio Sesc de Literatura 20 anos

Lançado em 2003, o Prêmio Sesc de Literatura é voltado para autores inéditos em romance e livro de contos. Os vencedores são publicados pela editora Record e participam de um circuito cultural por dezenas de cidades pelo Brasil. Nesses 20 anos do projeto, já foram revelados 37 autores, cuja maioria segue uma produtiva carreira literária. Saiba mais em www.sesc.com.br/premiosesc.

Nesse panorama tão diverso, há espaço para todos. Além do circuito das obras impressas, o mundo on-line cresceu muito. Hoje há autores que são best-sellers e verdadeiras celebridades em plataformas digitais como Wattpad, ainda que ignorados pela crítica convencional, como se fosse um universo paralelo.

Naturalmente, a autopublicação permite que muitos livros sem qualidade sejam produzidos. Mas é um preço pequeno a se pagar por um acesso mais democrático. Até então, a publicação era um sonho dourado e restrito às elites – se não financeira, a uma classe média que sempre ocupou os espaços de escrita, edição e divulgação da cadeia produtiva da literatura.

Por falar em divulgação, a década marcou o fim de vários suplementos literários, especialmente na mídia impressa. Assim como o jornalismo como um todo foi profundamente alterado nesses 20 anos, os canais de divulgação de obras literárias seguiram o mesmo caminho.

Por outro lado, vimos a ascensão dos blogueiros, *booktubers* e *booktokers* como figuras relevantes na divulgação de livros. Mesmo que a maioria trabalhe mais com os nichos de fantasia, *chick-lit* e congêneres, o fato é que ter uma obra comentada por esses influenciadores (como essa categoria é chamada) pode significar muitos livros vendidos. Daí que as maiores casas editoriais estejam mirando nessas pessoas como divulgadores de lançamentos. Ainda que esses serviços sejam dependentes das redes sociais específicas, podendo desaparecer tão rápido quanto surgem, é provável que comentar e indicar leituras pela internet seja uma nova profissão se estabelecendo.

Pela liberdade na literatura

Um episódio emblemático nesses anos foi a proibição de venda de uma história em quadrinhos na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em 2019. O prefeito Marcelo Crivella mandou recolher a revista porque dois personagens da Marvel estavam se beijando na capa. Infelizmente, não se trata de caso isolado. Em praticamente todas as áreas da cultura o cerceamento à liberdade de expressão é um fato que vem ocorrendo especialmente na última década.

Frequentemente sabemos de uma peça proibida, um filme censurado, uma exposição cancelada. E no mundo dos livros não é diferente. Mesmo a literatura para crianças e jovens, que não passava pela peneira da ditadura, vem sendo atacada com alguma frequência, muitas vezes pela incompreensão de metáforas e outros recursos técnicos de escrita. Quase sempre, esses ataques surgem com postura moralista e obscura.

De uns anos para cá, o politicamente correto também vem apontando o dedo para obras clássicas, cujas leituras são retiradas dos contextos em que foram escritas, tendo o conteúdo alterado para os dias atuais. É uma questão controversa e ainda palco de muitos debates, pois esses “ajustes” envolveriam a correção de perspectivas discriminatórias que alguns autores (ou mesmo personagens) apresentavam, mesmo correndo o risco de se apagarem registros de como a sociedade e as representações literárias eram em outros momentos da história.

A explosão das festas literárias

As últimas décadas consolidaram uma nova cara para os eventos literários. A Flip – Festa Literária Internacional de Paraty – fugiu do aspecto tradicional de feiras voltadas para a venda de livros ou de formatos acadêmicos para, como o próprio nome diz, ser uma festa. De norte a sul do país foram criados diversos festivais em que os debates e encontros com autores são o principal. As Bienais do Livro, realizadas em grandes capitais e que recebem centenas de milhares de pessoas, têm buscado se reinventar, investindo na programação cultural como forma de atrair o público, que tem sido majoritariamente formado por jovens.

Dos novos eventos, vale destacar a Flipelô (Festa Literária do Pelourinho), que soma a paixão literária à energia do Pelourinho, criando uma atmosfera pulsante e riquíssima. E também a Festa Literária das Periferias (Flup), que deixa de ser um evento estritamente literário para se apresentar como uma revolução cultural no Rio de Janeiro, carnavalizando os territórios de expressão numa cidade desigual e com tantos problemas sociais.

Saraus, slams e cordéis

Saindo das páginas impressas, é importante salientar que a literatura falada e cantada no Brasil tem se estabelecido com grande força. Unindo a tradição do cordel e do repente com a potência dos saraus e *slams*, essa valorização das oralidades talvez seja o grande movimento literário dessas décadas.

A cultura hip-hop abriu caminho para as batalhas de rimas, o rap, os encontros de poesia nas periferias de todo o país. É um alento ver lugares que entram no noticiário apenas pelas pautas policiais se transformarem em cenários de expressões poéticas.

Essas práticas se associam diretamente às ações afirmativas e de valorização da diversidade em todas as suas dimensões: geográfica, estética, racial, etária e de gênero. É importante destacar que, pela primeira vez, diversos grupos até então excluídos dos processos artísticos brasileiros tiveram voz, sendo importantíssimo que esse movimento não retroceda e que esses artistas sejam cada vez mais reconhecidos e valorizados.

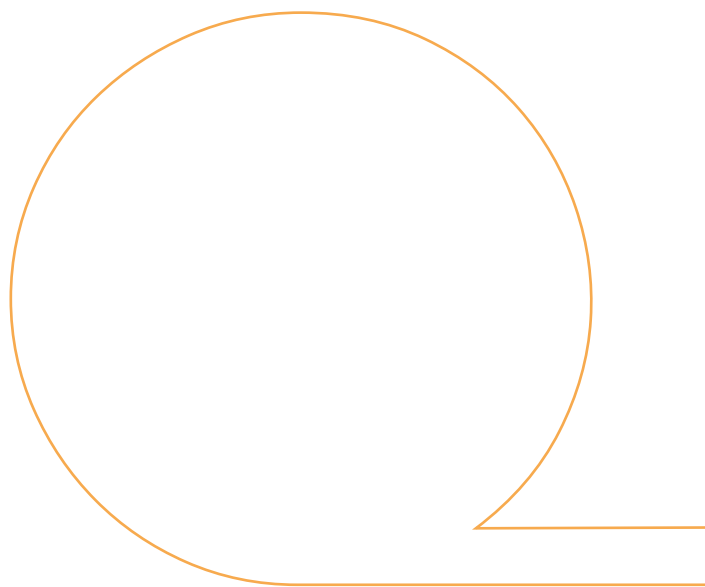
Para seguir viagem

Poderíamos apontar muitos aspectos sobre a literatura brasileira nesses últimos 20 anos. Mas talvez os tópicos pinçados aqui sirvam como retrato de um país que ainda luta para que tenhamos mais leitores, além de abrir espaço para novas formas de expressão, seja no ambiente on-line ou onde a literatura costuma ser entendida como manifestação de elites.

Precisamos também diminuir a desigualdade de gênero, oferecendo às mulheres (e pessoas LGBTQIAP+) as mesmas condições de publicação, bem como lermos e debatermos sobre a literatura produzida pelos povos originários.

Nesse cenário, a consagração tardia de uma autora como Conceição Evaristo nos dá certo rumo. É fundamental valorizar pretos e pardos como legítimos autores de uma literatura de qualidade, que precisa ser lida e estudada em escala nas redes públicas e privadas. Nessa linha, concluimos ser tão importante ler Machado de Assis quanto Carolina Maria de Jesus, pois são dois clássicos que souberam desenhar a nossa sociedade.

Ao mesmo tempo, precisamos valorizar o fazer local. Em todo o país existe uma produção literária, seja oral, seja escrita, que merece circular pelo estado, pela cidade, pelo bairro. Acessar esse belo mosaico de palavras e ideias é um direito de toda a população.



#PLAYNAPOESIA



CLECIORIMAS

CLÉCIO RIMAS

Clécio Rimas é poeta popular, produtor musical e artista-educador pernambucano. Ao longo de 24 anos de trajetória cultural, acumula diversos trabalhos realizados por meio de recitais, mesas de glosas e oficinas de criação literária. A partir da tradição e da oralidade de poeta repentista, Clécio Rimas envereda também por experiências musicais, usando poesia, beats eletrônicos e programação atuando como um depositário da verve popular e, ao mesmo tempo, um mediador de diversas falas poéticas e sonoras. Para o Arte da Palavra 2023, Clécio Rimas comemora os 10 anos de realização da sua oficina “Cordel, Embolada, Repente e Rap”, trazendo-a para a programação do circuito nos estados de MG, RS, PI, CE, MA e RN.

Este circuito possibilita a formação de grupos produtores e consumidores de textos literários, nos diferentes gêneros, modalidades, temas e níveis de leitura; favorece discussão e reflexão sobre a obra literária, os meios de produção e circulação das obras, envolvendo o escritor, a obra e o leitor e estimula o intercâmbio entre escritores/oficineiros, multiplicando as metodologias e olhares sobre a escrita literária.

Sobre o Circuito de Criação Literária: O Circuito de Criação Literária oferece oficinas em que as diferentes formas e práticas de escrita são trabalhadas e estimuladas. Além de oferecer instrumentais para o desenvolvimento da escrita, sua realização regular e sistemática tende a qualificar os níveis de leitura, oferecendo condições para o surgimento de novos talentos literários.



CONTINUE OUVINDO



LUSO FONIA

O ESTADO DE GRAÇA DA LEITURA

José Saramago

SARA

Vou agora expor-vos uma teoria que tenho acerca da leitura que não é muito popular, inclusive poderia dizer-se que não é politicamente correta. E esta é que a leitura não é obrigatória. Ler não é obrigatório. Posso perguntar o seguinte a um rapaz: "Olha lá, e tu, por que não lêes? Não gostas de ler?" E ele poderá responder: "Não, não gosto." E eu dir-lhe-ei: "Não te dás conta daquilo que estás a perder?" Mas imaginemos que este rapaz é um mergulhador e que contrapõe: "E o senhor, não se dá conta daquilo que está a perder por não mergulhar?" E tem razão. Quer isto dizer que não devemos ler? Não, não quero dizer isto. O que quero dizer é que não vale a pena inventar desculpas, explicações para algo que é muito claro desde que existe o livro. A leitura não é nenhuma obrigação. A leitura é uma devoção, é uma paixão, é um amor.

MAGO

Quando um leitor não tem meios para comprar um livro, aonde pode ir? A uma biblioteca. Com os livros acontece algo que não acontece com os carros. Quando se quer ter um carro, tem de se comprar um, mas sempre que se quer ler um livro não há necessidade de o comprar, e por isso a desculpa de que os livros são caros não serve. Claro, é preciso ir a uma biblioteca, é preciso ter tempo suficiente disponível para ir à biblioteca. Mas isso pode remediar-se. Não é preciso ir à biblioteca todos os dias. Porventura, uma vez por semana, de duas em duas semanas, uma pessoa desloca-se até lá e leva para casa os livros que quiser. Portanto, quem quer ler, lê. Existem ainda os alfarrabistas, onde se podem comprar livros extraordinários em troca de pouco dinheiro. Pelo menos metade dos meus livros foram comprados em alfarrabistas. Recomendo que experimentem o prazer que dá entrar numa destas livrarias, sentir o cheiro dos livros antigos, do papel amarelo, da poeira do tempo... E descobrir aquilo que procurávamos há anos e anos.

Será que se está a fazer tudo o que se pode para promover a leitura? Isso é outro assunto.

O problema começa com a escola. Detenhamo-nos agora na reflexão de umas tantas questões. A escola ensina a amar o livro? É bastante duvidoso. A escola ensina a compreender o que está nos livros? Creio que não. O problema da massificação do ensino criou inúmeras dificuldades, acrescidas à tarefa já em si mesma complicada de ensinar.

Porém, não é acerca da massificação do ensino que eu quero falar, mas antes da evidência de que o livro existe e o leitor também. Como se poderão aproximar um do outro?

Eu acredito que a escola tem uma importância fundamental.

É necessário que os professores saibam valorizar o livro.

Mas não apenas o livro que é necessário para ensinar a Matemática, a Geografia ou a História. Há outros livros.

Por que é que os leitores de um livro que se conhecem e vivem mais ou menos próximos uns dos outros não se reúnem para falar desse livro depois de o terem lido? Por que é que a leitura tem sempre de ser uma atividade solitária? Por que não haver um intercâmbio entre leitores e livros? Por que não falar de um livro que acabou de sair ou de um livro que faz parte da nossa cultura e da nossa educação sentimental? Isto seria realmente fomentar a leitura no próprio leitor, em vez de cair na ambição, porventura desmedida, de pôr toda a gente a ler. Pode transformar-se a leitura em algo diferente de um prazer solitário, que também é, e em primeira instância. Não proponho um sistema coletivista, mas sim a ação dinâmica que pressupõe o intercâmbio de ideias ou opiniões sobre o livro. Porque o livro é algo mais do que um objeto que se arruma na prateleira para não mais se regressar a ele, o livro é uma plataforma de comunicação entre pessoas.

É verdade que entre os leitores acontece algo mágico - e não voltarei a usar o plural leitores, mas sim leitor, porque cada leitor é diferente, porque ninguém é plural. No espírito de um menino ou de uma menina nasce de imediato e naturalmente o gosto de ler. E não se sabe por quê. Ninguém poderá saber por quê. Pode nascer no seio de uma família que não sabe ler. Pode não ter em casa um único livro. E, mesmo assim, gostar de ler. Onde está o segredo desse menino ou dessa menina? O que pretendo dizer é que há pessoas para cada livro. Mesmo antes de conhecer o conteúdo de um determinado livro, esse livro é já importante para determinadas pessoas.

Esta é, na minha opinião, a pergunta - o que é o livro? Pois o livro é um lugar onde vamos encontrar, sobretudo, uma sensibilidade. Vamos encontrar uma visão da vida, uma percepção do que é o nosso destino - viver -, da nossa relação com os outros, a explicação de um sentimento, o enunciado de uma teoria que passa pela sensibilidade e pela formação do autor e que será recebido de forma diferente por cada leitor. Vamos encontrar isto e muito mais. Contrariamente ao que se pensa, a primeira leitura de um livro não o esgota. Um dos equívocos mais graves em que podemos incorrer é dizer: "Já o li, agora já está." Mas como, como é que já está? Como é que já o leu? É a mesma coisa que entrar numa casa, passar de uma divisão para outra, sair logo pela porta fora e dizer "Já conheço esta casa". Não, é preciso viver nela, é preciso pelo menos passar mais tempo dentro do seu espaço para descobrir nela todos os detalhes que lhe conferem a sua singularidade.

**Um livro é igual a uma casa,
nova a cada olhar, um livro é um continente.**



**O QUE PRETENDO
DIZER É QUE HÁ
PESSOAS PARA
CADA LIVRO.
MESMO ANTES
DE CONHECER O
CONTEÚDO DE UM
DETERMINADO
LIVRO, ESSE
LIVRO É JÁ
IMPORTANTE PARA
DETERMINADAS
PESSOAS.**



Um livro nunca se esgota. Nem mesmo o pior dos livros se

esgota. E as palavras que por vezes usamos mal, as que dizemos sem nos darmos conta do que elas são, do que elas dizem, do que elas falam, no livro, estão sempre à nossa espera. Esperam pela leitura, por um olhar, esperam que as decifremos, esperam sobretudo porque participamos na vida. Entendam-me: viver não é sobreviver como quem sofre uma pena. Esta participação pode e deve ser um ato de amor, tal como a leitura. E é por esta razão que afirmo que, em primeiro lugar, é preciso despertar o amor pela leitura, o amor por esse gesto tão natural que é segurar um livro entre as mãos. Contudo, não se pode impor a toda a gente a leitura como se fosse uma obrigação. Não o é.

“

**ENTENDAM-ME:
VIVER NÃO É SOBREVIVER
COMO QUEM SOFRE UMA
PENA. ESTA PARTICIPAÇÃO
PODE E DEVE SER UM ATO
DE AMOR, TAL COMO A
LEITURA.**

”

As expressões mais completas do pensamento humano encontram-se nos livros. **Há pessoas a quem o livro não lhes interessa nada. A estas pessoas dir-lhes-ia: "De acordo, que lhes corra bem a vida." Mas, para outras, o livro é algo que não pode ser substituído.**

Há um momento que é verdadeiramente extraordinário na leitura: quando a interrompemos. Quando alguém está a ler o livro com as folhas abertas, mas de repente tira os olhos do livro e olha para a frente. A leitura suspende-se, algo aconteceu, algo mágico: é como se a leitura quisesse transportar o leitor para outro universo, enquanto está a olhar para si mesmo. Isto é o que se dá na relação entre o leitor e o livro, é o estado de graça que propicia a leitura.

“
**AS EXPRESSÕES
MAIS COMPLETAS
DO PENSAMENTO
HUMANO
ENCONTRAM-SE
NOS LIVROS.**
”

Autor de mais de 40 títulos, José Saramago nasceu em 1922, na aldeia de Azinhaga. As noites passadas na biblioteca pública do Palácio Galveias, em Lisboa, foram fundamentais para a sua formação. E foi aí, sem ajudas nem conselhos, apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que o gosto pela leitura se desenvolveu e apurou. Em 1947 publicou o seu primeiro livro intitulado *A Viúva*. A última obra que publicou em vida foi *Caim*, em 2009. José Saramago faleceu em Lanzarote, Espanha, em 2010, aos 87 anos. Recebeu o Prémio Camões em 1995 e o Prémio Nobel de Literatura em 1998. No ano de 2007 foi criada em Lisboa uma Fundação com o seu nome, que trabalha pela difusão da literatura, pela defesa dos direitos humanos e do meio ambiente, tomando como documento orientador a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Desde 2012 a Fundação José Saramago tem a sua sede na Casa dos Bicos, em Lisboa.



LUSO FONIA

A LITERATURA BRASILEIRA LIDA (OU NÃO LIDA) EM PORTUGAL

Rafael Gallo

Talvez seja precipitado que eu escreva sobre ser um autor brasileiro lido em Portugal. Minha primeira publicação lá tem menos de três meses: o romance *Dor fantasma*, cujo inédito foi agraciado com o Prêmio Literário José Saramago. E se pode haver muito de ilusório nessa posição privilegiada, ao menos é elucidativo vivenciar um lançamento simultâneo nos dois países.

No caso de um inédito premiado, discrepâncias se revelam antes mesmo de o livro vir ao mundo. Para não dizer só de minha experiência, tenho acompanhado a trajetória coincidente de *A arte de driblar destinos*, de Celso Costa, vencedor do Prêmio Leya no mesmo ano. A premiação, em si, já justificou um grande investimento de atenção em Portugal para os dois romances, um voto de confiança. Aqui, no Brasil, ainda parece predominar o costume de esperar que a coisa primeiro dê (mais) certo, para só depois seguirmos as tendências.

Ainda sobre a repercussão da literatura, em ambos os países há reclamações quanto à redução dos espaços, mas Portugal ainda tem muito mais presença da literatura na TV e no rádio – de investimento estatal, note-se – e nos veículos impressos, com entrevistas extensas ou resenhas. O público ainda adere às leituras desses veículos, o que é parte vital do sistema. No Brasil, os espaços sobre literatura nas mídias de grande circulação têm sido extintos, os próprios veículos têm perdido consistência e nos voltamos demasiado às redes sociais, onde, também a disponibilidade ao texto é cada vez menor. Tudo isso altera as relações coletivas com os livros.

Quanto à aceitação da língua portuguesa alheia, Brasil e Portugal demonstram uma certa oposição: *grosso modo*, o português lusitano cai bem aos olhos da maioria do público brasileiro, mas não aos ouvidos; em Portugal a relação se inverte. Muitos leitores daqui citariam José Saramago, Inês Pedrosa, Valter Hugo Mãe e outros nomes de Portugal entre seus favoritos; não creio que a mesma incidência geográfica se daria em conversas sobre música ou cinema. É corriqueira aqui a queixa de que o linguajar português soa estranho, difícil de compreender, mesmo na fala comum. Quanto aos livros, são publicados idênticos à versão original, sem qualquer adaptação do texto ou acréscimo de acessórios, e são adorados. Do lado de Portugal, a escuta do português brasileiro tem bom acolhimento – o sucesso de nossas telenovelas e canções lá, presumo, são prova e força motriz dessa aceitação – porém na escrita vê-se com frequência o contrário, para a infelicidade de nossos escritores e escritoras.

Poucos livros e autores brasileiros são lidos vastamente do lado de lá. Há muito mais coisas envolvidas na proximidade, ou não, entre dois países do que a língua. Mas sei que quando nos abrimos ao que é diferente – em vez de nos atermos às faltas de correspondências com o familiar – podemos ganhar muito de conhecimento e de prazer estético. Que o digam minhas playlists, com seus recentes acréscimos de músicas portuguesas sensacionais, desde que passei a frequentar mais aquele país.

Rafael Gallo nasceu em São Paulo, no Brasil, em 1981. É autor de *Dor fantasma*, romance vencedor do Prêmio José Saramago 2022 (Porto Editora/Biblioteca azul, 2023); *Rebentar* (Record, 2015), vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura 2016; e *Réveillon e outros dias* (Record, 2012), livro de contos vencedor do Prêmio SESC de Literatura 2012. Tem ainda diversos textos em antologias e coletâneas, incluindo publicações em países como França, Estados Unidos, Cuba, Equador e Moçambique.



Willian Olivato

ARTIGO

UM VIDEOGAME E UM LIVRO ENTRAM NO BAR

João Varella



O mundo literário pode aprender lições com os games. E vice-versa

Ser escritor é moleza, basta acessar uma ferramenta de inteligência artificial para criar uma história. Dá para solicitar poema gótico suave, romance político centrão-zista, conto protagonizado por zangões alcoólatras. Tão banal que põe à prova o ofício. Literatura é arte? Mesmo?

Ei, estou brincando. A piadinha tem fins de alteridade. A questão “é arte?” atormenta há décadas outra linguagem artística, o videogame.

Não que o mundo do videogame perca o sono com isso. Mesmo sem o reconhecimento das estruturas consagradas, o jogo digital cresceu em termos de popularidade, economia e relevância. Ocupa papel central de seu tempo, modifica o clima cultural. Da gamificação dos aplicativos bancários ao sucesso da série baseada em *The Last of Us*, passando pelo e-sport adentrando a área do esporte, pululam exemplos da inescapabilidade dos jogos eletrônicos. Sete em dez brasileiros têm o costume de jogar¹.

No cerne há uma produção contemporânea fascinante de jogos, diversificada tal os gêneros abarcados pelo suporte livro. Três exemplos populares:

Resident Evil 4 (2023): revitaliza um clássico de 2005. Um policial busca resgatar a filha do presidente de zumbis. A sinopse parece – e é – pueril. No entanto, a narrativa transita por humor, tensão, ação e bizarrices, conseguindo equilibrar a nostalgia dos jogadores antigos e abertura para os novatos.

¹ Fonte: Pesquisa Game Brasil 2023. Disponível em <https://www.pesquisagamebrasil.com.br/pt/>

The Legend of Zelda: Tears of the Kingdom: um mundo de fantasia medieval que diz “sim, pode”. A jornada do guerreiro Link é aberta para o jogador pavimentar o próprio caminho. Ferramentas que permitem mover e fundir objetos abrem possibilidades. Criações como robôs gigantes e armadilhas mortais viralizaram nas redes sociais.

Street Fighter 6: expoente do gênero de luta honra a rua (street, em inglês) ao adotar elementos de arte urbana. Oferece um “jogo dentro do jogo” com uma trama e uma cidade com tarefas missões para ensinar aos jogadores as mecânicas cheias de nuances do game.

Em comum, o fato de os exemplos serem baseados em séries consolidadas, lançados num espaço de 70 dias, de março a junho de 2023. São oriundos do Japão, país que há tempos respeita o videogame. O então premiê Shinzo Abe fez cosplay de Mario para apresentar as Olimpíadas de Tóquio no encerramento dos Jogos de 2016; a cerimônia de abertura, em 2021, tocou músicas de games como Sonic, Final Fantasy e Monster Hunter.

Ainda assim, videogame tem ares inconsequentes – uma adolescente de 50 anos de idade. A superprodução Redfall teve um lançamento precoce, veio a público inacabado, cheio de erros. Mais grave, há uma histórica descortesia regada às mulheres em vários âmbitos – e-esportistas, desenvolvedoras, jornalistas, streamers, jogadoras –, questão que precisa ser endereçada por qualquer pessoa minimamente envolvida com o meio.

A milenar literatura pode passar à irmã menor vários aprendizados. Uma vitória explícita dos últimos anos é o espaço conquistado pelas mulheres em diversas posições da indústria literária, renovando o fôlego dos livros.

O intercâmbio de ideias, seja da literatura ou da vida, acontece por meio de texto há milênios. No cinema, teatro ou mesmo nos games, a palavra é a pedra fundamental para a elucidar e até, por que não, reforçar a fruição do eletrônico.

Um software, em essência, é uma escrita no idioma da programação. É uma continuação da trajetória da escrita, tatatatataraneta das tabuletas dos sumérios.

Por falar em história antiga, a espécie humana, gosta de ouvir e contar história desde o tempo das cavernas. Ficção sedimenta a sociedade a ponto de não chamar mais atenção. Ao comprar um pirulito e oferecer em troca papel impresso batizado de dinheiro, há um pacto ficcional. Parlamento, empresa, título, propriedade, limite territorial, nacionalidade, ficção, ficção, ficção. Nada disso é natural, inventamos, pactuamos.

A vivência humana hoje é atravessada pelo digital. O conceito de privacidade ruiu, normal uma pessoa publicar foto de prato de comida, celular é pré-requisito de cidadania, a rede social espalha ansiedade. A narrativa é uma defesa ao pragmatismo nervoso do smartphone.

Enquanto um aplicativo busca otimização, um jogo vai no caminho oposto. Cria dificuldades, faz a tarefa ser mais dura. Se Pokémon fosse da Adobe, já ofereceria a coleção de bichinhos prontas para uso. E que graça teria? Videogame flexibiliza a interatividade característica do digital para narrar com formato adequado à vida no agora.



Apesar da importância, o videogame está alheio ao escrutínio público. A ponte é difícil de construir e tem quem atrapalhe. O histórico desentendimento de parte da sociedade para com o videogame gera injustiças, como o bode expiatório para casos de violência. As justificativas do Massacre de Columbine parece coisa do passado? Pois o presidente Lula da Silva atribuiu aos videogames a culpa pelas chacinas em escolas². O governante da França, Emmanuel Macron, responsabilizou os videogames por incentivar protestos violentos³.

Com tanta besteira, é compreensível os jogadores fiquem arredios. Discussões de videogame são tensas e alvoroçadas.

Por outro lado, a literatura faria bem em se contagiar pela animação do videogame. Espaços despretensiosos e divertidos poderiam atrair leitores e estimular quem tem o hábito. Afinal, combate ao desinteresse é a prioridade para converter os não leitores⁴. A queda no faturamento do mercado editorial brasileiro de 40% desde 2006⁵ é um alerta para renovar estratégias.

² Leia mais em <https://ge.globo.com/esports/noticia/2023/04/18/lula-critica-videogames-em-discurso-resultado-nessa-violencia.ghtml>

³ Leia mais em <https://www.adrenaline.com.br/noticias/presidente-da-franca-culpa-videogames-por-incentivar-protestos-violentos/>

⁴ Vide a 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura. Disponível em <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>

⁵ Mais informações no PublishNews, disponível em https://www.publishnews.com.br/materias/2023/06/15/faturamento-do-setor-editorial-cai-40-em-termos-reais-desde-2006?mc_cid=4536b62fca&mc_eid=4f95e61217



Um recente evento literário provou como videogame se tornou incontornável. O Farpa, o Festival Arte da Palavra, ousou colocar neste ano o videogame dentro da programação. Nem precisava, o videogame estava lá na boca dos escritores antes de ocupar a pauta. Edyr Augusto se vangloriou pela violência que coloca em seus escritos (disse se sentir bem ao criar cenas sangrentas) e, minutos depois, tal um presidente, condenou a violência nos videogames. Em outro momento, Jeferson Tenório apontou ter vislumbrado uma metáfora que condensa seu romance “O Averso da Pele” ao jogar Minecraft com seu filho. Incontornável.

Quando fui ao palco falar diretamente de videogame, o curador do evento Henrique Rodrigues perguntou à plateia quem jogava videogame. A resposta de uma turma de alunos foi unânime, todos levantaram as mãos. Até tinha planejado explicar a importância do videogame para introduzir o tema. Desnecessário.

Suzana Vargas, que assistia ao debate, admitiu não saber nada de videogame, mas tinha interesse em começar a aprender. Se aventurou por alguns minutos a jogar Endling, título que discute ecologia e extinção de espécies.

Torço que Vargas e todos que queiram entender as relações de literatura e game, percebam questões comuns às duas linguagens, como a fruição individual, esforços de preservação, a força dos independentes, o comércio digitalizado e o gigantesco potencial criativo brasileiro.

Um jogador e um leitor entram no bar. Pode ser o começo de uma piada infame. Ou, com sorte, o início de uma compreensão mútua cheia de possibilidades e esperança.

João Varella. (Guaíba, 1985) Fundador da editora Lote 42 e da Banca Tatuí, espaço de publicações independentes em São Paulo. Escreveu os livros 42 Haicais e 7 Ilustrações (Lote 42), Curitiba – Diálogos Urbanos (Coração Brasil), e A Agenda (Novo Conceito). Publicará em breve o livro Videogame, a Evolução da Arte. Jornalista, escreveu para veículos como IstoÉ Dinheiro, El Economista América, R7, Gazeta do Povo, Cândido, entre outros.



ILUSTRAÇÃO

Paty Wolff (CAPA)



Título: A ancestralidade me disse

Técnica: Pintura acrílica e recorte manual sobre papelão 2023

Paty Wolff (Cacoal/RO, 1989), é artista visual e escritora. Vive e trabalha em Cuiabá/MT. Autora de "Como pássaros no céu de Aruanda" (Entrelinhas, 2020), finalista do Prêmio Jabuti 2022. Autora de Thehcitura (Entrelinhas, 2021). Participa de exposições coletivas desde 2016, com destaque para "Karingana, presença negra nos livros para a infância", Sesc Bom Retiro/SP (2023) e XXII Bienal de Arte Contemporânea de Santa Cruz de La Sierra, Bolívia (2023). Ilustrou capas e livros, com destaque para "Nisá" de Ana Carolina Marinho (Editora Caixote, 2023).

#PLAYNAPOESIA



ADIEL LUNA

Abraçando a poesia e a música como paixão e profissão, **Adiel Luna** esteve atento e disposto a assimilar, aperfeiçoar e aprender modalidades novas da poética tradicional cantada e de suas variações regionais. Hoje, é coquista, mestre de baque solto, violeiro, cantador repentista e cordelista. Sua bagagem como brincante e seu diálogo constante e respeitoso com os mestres, as práticas, os terreiros tradicionais e as oralidades destas manifestações marca seu diferencial, permitindo-o passear com uma agilidade ímpar no improviso. O artista estará circulando pelos estados do PA, GO e ES.

De forma sistemática e criteriosa, o Circuito de Oralidades aproxima, em cada manifestação, a riqueza e multiplicidade de vozes, ideias e costumes, por meio de sa-raus, performances, slam poetry, repentistas e outras manifestações que se multiplicam Brasil afora.

Sobre o Circuito de Oralidades: O circuito pretende abarcar as manifestações literárias que remetem, especialmente, à narração de histórias e à veiculação oral da poesia. São vertentes artísticas com larga tradição no país, que constituem os pilares de diversas identidades que vão se reinventando através das gerações.



CONTINUE OUVINDO



CONTO

OS DOIS IRMÃOS

BRAULIO TAVARES

Há mais de trinta anos não se via uma seca como aquela na Chã do Mamede. Eram meses seguidos com o sol torrando tudo como um bafo de dragão. Os córregos tinham virado sulcos poeirentos, cobertos de seixos e de galhos secos de favela. Os calangos corriam doidos, de boca aberta ao vento. Restavam poucos poços, e pessoas vagavam com potes na cabeça, em busca dos restos de água barrenta.

Aquilo vinha de tempos em tempos, assustando os mais moços. Os mais velhos, com o rosto duro e o olhar sério, diziam: “Vem, demora, mas um dia acaba”.

Dona Mina estava sentada na lateral da casa, pegando sombra, quando viu dois meninos que vinham correndo, levantando pó. Ao chegar perto, pararam e o maior dos dois, meio com medo, disse: “Dona Mina... Mandaram avisar a senhora que acharam ele.”

E com isso fizeram meia volta e retornaram a toda carreira.

A velha suspirou, coçou as pernas, fez o Pelo-Sinal e entrou. Trocou o camisolão escuro por um vestido preto, amarrou no cabelo um lenço preto com a imagem de um Coração-de-Jesus, e foi chamar Damião. Ele estava por trás da cerca, chapéu por cima do pano que protegia a cabeça, cortando um resto de palma para a bezerra. Quando viu o vestido da mãe largou a foice e seguiu atrás.

Foram andando calados, as alpercatas estralando nas pedras, até pegarem a baixa do açude. Viram de longe o bacião vazio, o chão amarronzado, a lama seca já se esfarelado. Touceiras de mato empapado de terra, aqui e ali peixes secos e duros como casca de árvore, latas esburacadas pela ferrugem. O sol já ressecara tudo, não se via mais nenhuma poça, nenhum trecho onde o fundo do açude ainda guardasse alguma lama úmida.

Lá na frente um grupo de pessoas, viradas na direção deles, protegia os olhos do sol com a mão erguida. Foram até lá, firmando os pés com dificuldade nos torrões soltos.

Junto de uma moita coberta de lama, guardada pelo semicírculo de gente silenciosa, viram a ossada suja, de criança, afundada na terra.

Dona Mina chegou perto, fez o sinal da cruz, ajoelhou-se. Viu o crânio roído pelos peixes, as costelas finas envoltas em pedaços da camisa de time de futebol, a ossada das pernas enredada num nó de vegetação seca. Um braço se estendia num gesto desengonçado.

Rezou baixinho o Pai Nosso, a Ave Maria, o Credo, a encomendação-das-almas, e um sus-surro de responsórios a acompanhou.

Terminada a reza, fez um sinal a Damião. Ele se adiantou, usou um galho grosso como alavanca, despregou a ossada onde ela se grudava ao barro espesso. Conseguiu com jeito liberar inteiras as pernas, quase encobertas.

Quando terminou de soltar tudo, alguém lhe estendeu um saco de pano onde ele agasalhou os despojos, por entre murmúrios e améns.

Dona Mina, sem uma palavra, fez meia volta e foi no rumo de casa, onde uma cova antiga esperava aberta, abrigada por varas e por palhas de bananeira. Depois de tantos anos, pela primeira vez dormiria em paz, sabendo onde estava o filho.

O sol castigava as pedras, rebatia nas malacachetas, e Damião vinha atrás dela em silêncio, a barba grisalha molhada de lágrimas, os braços robustos protegendo o irmão gêmeo, morto no tempo da fartura.

BRAULIO TAVARES. Escritor e compositor. Nasceu em Campina Grande (Paraíba), em 1950. Reside no Rio de Janeiro desde 1982.

Tem mais de vinte livros publicados, incluindo romance, conto, ensaio, poesia e literatura de cordel. Em 2019, lançou o livro de contos Fanfic, pela Editora Patuá (São Paulo). Em 2020, relançou pela Ed. Bandeirola (São Paulo) as coletâneas de contos A Espinha Dorsal da Memória e Mundo Fantasma. Em 2021, a antologia de contos policiais Crimes Impossíveis, Bandeirola (São Paulo), e em 2022 a coletânea de crônicas A Fonte dos Relâmpagos pela Editora Arribachã (Cajazeiras-PB).

Ganhador, entre outros, do Prêmio Caminho de Ficção Científica em 1989 em Lisboa (com A Espinha Dorsal da Memória), do Prêmio Shell de Teatro em 1992 (com a peça Brincante, em parceria com Antonio Nóbrega) e em 2017 com a peça Suassuna – O Auto do Reino do Sol, do Prêmio Jabuti de Literatura Infantil em 2009 (com A Invenção do Mundo pelo Deus-Curumim, em parceria com Fernando Vilela).

Mantém o blog Mundo Fantasma (<http://mundofantasma.blogspot.com>), onde escreve sobre literatura, cinema, música, etc.

Mais informações na sua página do Templo Cultural Delfos (criada por Elfi Kurten Fenske): <https://www.elfikurten.com.br/2016/05/braulio-tavares.html>



Maria Flor

CONTO

ENXAME

EDYR AUGUSTO PROENÇA

Tava entornando a primeira Glacial do dia, lá na padaria. Raimundona chegou. Nervosa. O Quitão filho da puta. Que foi. O Quitão. O Quito, o Periquito? Foi o quê. Foi lá em casa e meteu na Neusa. Tua filha? A retardada? Foi. Tava sozinha? Tava. Porra, essa foi foda. Fui na DP e só anotaram. Não vão fazer nada. Sou puta, sou pobre. Me ajuda. Porra, tenho um mandado pra fazer. Tem que ser agora. Ele tá se empapuçando na taberna do Preto. Vai. Por favor. Tá. Tenho que passar antes no Coisa pra pegar o berro. Dá uma ponta pro taxi. Toma. Porra, mixaria. Agora que o dia começou, não fiz programa nenhum. Guedes, mano, Guedes, me empresta uma ponta, pelo amor de Deus. É vida ou morte. Te pago o resto da vida. Toma. Te manda e faz o certo. O filho da puta nunca mais vai ficar de fuleragem com ninguém.

Porra, devo muito pra Raimundona. Ela nunca abriu mas acho até que sou pai dessa menina. A Raimundona, gordona, ninguém dá nada mas quem já foi lá sabe que é uma boa foda. E também sempre tem da boa. É só chegar. O Coisa não estava. Acendo um Fortaleza e espero. Deixa o Quito encher a cara. Esse me deve e vai pagar. Tava esperando um motivo. Moleque remoso. Fala, Blake. Tens alguma peteca. Erltmaodyeo. Quê? Fala de novo. Devagar. O Quitão já sabe que tu tá indo. Deixa ele saber. Quem deu a letra? A Sheila que terkdkfnnt. Tá. Acerto com ela. Porra a Rádio Cipó é rápida. Então tu sabe o que ele fez com a filha retardada da Raimundona. Sei. Espoca ele, tá. Tu sabe o que é o cara tirar o cabaço de uma retardada, de uma doidinha? Tem que ser muito filho da puta. Coisa! Pô, brow, to te esperando. Pô, Parça, qual é? Me empresta a máquina que tenho um serviço. Cara, to cobrando. Toda hora tem gente aqui pedindo. Coisa, a gente tem uns tramos aí, uns corre legais? Tá, mas deixa só uma ponta. Deixa a da cerpa. Toma. Quantas balas, tem três e olhe lá. Mx,vmm,xcvmvm. Fui, Blake.

BR, Invasão Che Guevara. Conheço muito bem. Cresci e aprendi aqui. Faço o serviço e dou um perdido. A galera vai até festejar a viagem do Quito. Pego a Alameda da Paz, despintada, porque não quero entrar feito político, dando adeus pra todo mundo. Porra, boca seca. Paro no Fefê e encaixo uma lambada. Ao longe, a taberna do Preto. Vou chegando. Chamo um moleque. Toma dez. Vai lá e diz no ouvido do Preto que o Parça ta aqui fora. Pra ele pegar uma Glacial e vir aqui falar comigo. Vai. Acendo um Fortaleza e me escoro em uma sombra. Lá vem o Preto. Dou um

gole gostoso. Que que tá rolando, Parça. O Quitão tá lá? Tá. Tá pesado. Bebeu todas. Eu vim pra passar o filho da puta. Tu sabes qual o corre? Ele descabçou uma menina e fica arrotando isso o tempo todo. Sabes quem foi? A Neusa, a doidinha da Raimundona. Porra, isso não se faz. A menina é um anjo. O caboco é mau. Olha, Parça. Lá dentro, não. Tu sabes que eu sou visado. Não escolho freguês. Não olho pro que rola. Cuido do meu. E tem mais. Minha filha, Fafa está servindo. Vai ser foda. Então faz ele sair, porra. Diz que acabou a bebida, sei lá. Ele tá pesado. Nem se mexe. Só entornando. Tu acha que uma racha atrai ele pra fora? Bóra tentar. Conhece alguma mulha. Conheço. A Eliete. Ela é escrota e marrenta. Se eu disser o que ele fez ela vem. Vai lá. Não deixa sair, então. Ela vai trazer ele pra fora. Três alamedas depois. Parça, é nós. Tu lembra daquela parada? Eu assumi pra ti. Tu é mãe, não ia presa. Eu sei. Nem precisa dizer. Tenho filho. Conheço a doidinha. Isso não se faz. So traz ele pra fora que eu vou passar. Vou botar meu vestido de puta. Me scorei na sombra. Eliete entrou. Saiu. Ele se mandou. Atrás veio o Preto. Nem pagou tudo. Saiu por ali. Corre que ainda pegas. Apressei o passo. Era depois das duas da tarde. De repente a rua parecia silenciosa. Lá ia ele, troncho. Não deu trabalho. Caiu. Emborcado. Cheguei junto. Chutei a costela. Tentou se virar. Pesado. Lento. O que tu fizesse não tem perdão, Quito. Porra, Parça. E os nossos corres? Sem perdão. Um tiro nos cornos. Bastou. Com o barulho, saiu gente pra ver. Guardei a máquina e sai andando sem olhar pra ninguém. Deu vontade de passar no barraco da Raimundona pra ver a Neusa. Desconfio que é minha filha. Pego um busão e vou me entocar no Marrocos, lá em Benevides. De lá aviso a Raimundona. Volta pra casa. Cuida da tua filha.

Edyr Augusto Proença é jornalista, radialista, redator publicitário, autor de teatro e de jingles. É autor de cinco livros de poesia: *Navios dos Cabeludos* (1985), *O rei do Congo* (1988), *Surfando na multidão* (1992), *Indêncio nos cabelis* (1995) e *Ávida vida* (2011). Estreou em prosa na Boitempo Editorial, em 1988, com *Os Éguas*. Desde então, publicou os romances *Moscow* (2001), *Casa de caba* (2004), *Selva Concreta* (2007), *Pssica* (2015), *Belhell* (2020), e o livro de contos *Um sol para cada um* (2008). *Eu já morri* (2022).

Edyr Augusto tem cinco romances publicados na França: *Os éguas*, em 2013, *Moscow*, em 2014, *Casa de caba* (Nid de vipères), em 2015, *Pssica*, em 2017, e *Belhell*, em 2020, este lançado simultaneamente no Brasil. *Pssica* teve seus direitos comprados pela O2 Filmes e sua transposição para cinema terá direção de Quico Meirelles.



CONTO

LÍRIOS

DÉBORA FERRAZ

Vou colocar um lírio debaixo de cada travesseiro e atear fogo nessa casa. Perdi as contas de quantas vezes pensei isso. Não que eu não gostasse da casa, da floricultura ou do meu marido. Pelo contrário. Mas é preciso reconhecer quando uma coisa vale mais morta do que viva. Uma casa como a nossa, com uma floricultura anexa, na beira da estrada... Isso não se sustenta mais nos dias de hoje. E olhe que nem sou eu digo. Mas o rapaz da loja que funcionava do outro lado da estrada, e que fechou e foi embora.

Eu abro pontualmente às oito horas, todo dia. Mas até abrir, só eu sei quanto trabalho tenho aqui sozinha. Só às seis e meia acordo Nestor.

Acorde, eu argumento. Acorde senão vai sair de barriga vazia.

No começo, Nestor não precisava ir para a cidade e nós trabalhávamos juntos atendendo na floricultura. Mas, aos poucos, nos demos conta de que era bobagem ter dois balconistas quando mal parava um cliente na estrada. Ele mesmo tomou a iniciativa de ir para a cidade. Eu fiquei com um pouco de medo. Achei que poderia ser perigoso uma mulher atendendo sozinha tão distante da cidade. Mas isso foi até um alívio nos primeiros meses. Me deu mais liberdade, trabalhar as plantas do meu jeito. Até passei a priorizar arranjos mais leves: vasos pequenos, mais afinados com minha força física e com o

gosto moderno. Contratamos também um serviço de internet e tv a cabo... Mas depois nós tivemos que fazer todos aqueles arranjos de segurança. Instalamos câmera, um botão de pânico, conseguimos um cachorro grande...

E onde está o cachorro? Nestor pergunta ao levantar.

Uma coisa da qual fiz questão, desde que me decidi, foi de que diria a verdade sobre o cachorro. Eu o deixei no veterinário do hotelzinho hoje cedo. Disse que precisava vacinar, tomar anticarrapaticida. Foi um momento que tive pena. Eu coloquei a guia no pescoço do bichinho. Ele empacou umas duas vezes, na saída, mas afinal cedeu. Nós fomos caminhando pela beira da estrada até a propriedade do outro lado. O dono já nos conhece.

Vai ficar quanto? ele pergunta com aquela disposição saudável, energética, dos tratadores de cães.

Digo que uma noite ou duas. É o tempo de Nestor se recuperar do choque para vir buscá-lo e antes de ir embora dou um extra para darem-lhe banho e uma ração melhorzinha.

Volto pra casa. O relógio alarma. Seis e meia.

Não era tempo de vacinar ainda. E agora Nestor sai com raiva. Diz que nada funciona direito na casa dele. Deve ser por isso que meu negócio não prospera. Eu não devo estar cuidando direito.

Mas não. A falta de movimento não tem a ver com a qualidade das plantas que eu vendo. Uso o mínimo de pesticida, tiro do mostruário se as raízes mofam. Eu não vendo arranjos semi-mortos, como as grandes cadeias costumam fazer. Mas, claro, também assumo, sem problema nenhum, que é minha culpa que o lugar seja tão pouco vistoso,

que não tenhamos endereço digital. Outro dia veio aqui um fotógrafo que me falou justamente disso. Que eu, que estava no ramo no do paisagismo tinha que ser a primeira a admitir que o visual numa página conta demais.

Me ofereceu seus serviços por um bom preço. Mas não sei... Olho com desconfiança essas histórias de sucesso. Não tenho nada contra fotógrafos, nem contra a internet.

Mas se há uma coisa que é certa, e é contabilidade básica, é que não faz sentido investir em um negócio que já não dá lucro. Não faz sentido aumentar o preço de um item que está encalhado. Pelo contrário: tem-se que cortar os custos. E cortei. Dispensei a ajudante, passei a fazer minha própria comida em vez de pedir a marmita. Só que acredito ser uma coisa dos tempos mesmo. É uma conta básica: se cada vez há menos jardins, se os apartamentos estão cada vez menores, então cada vez menos gente precisa de jasmineiros, oleandros... As pessoas são ocupadas. Ou talvez eu esteja inventando desculpas para consolidar minha decisão. De abandonar tudo.

E então desde a semana passada, como se o mundo tivesse adivinhado, parece que até começou a vir mais gente. Nestor ficou mais suave. Até conversa. Mesmo o cachorro, que nunca me obedecia, se mostrou mais dócil, mais carente, passou a me acompanhar no percurso da casa para o quiosque.

Débora Ferraz (Serra Talhada – PE, 1987) é escritora, jornalista e doutora em Escrita Criativa. Seu primeiro romance, *Enquanto deus não está olhando*, foi vencedor da 10ª edição do Prêmio Sesc de Literatura e do Prêmio São Paulo de Literatura na categoria autor estreante com menos de 40 anos. É autora ainda de um livro de contos, *Os anjos* (2003). Seu conto “O filhote de terremoto”, finalista do Prêmio Sesc Machado de Assis, foi adaptado para o curta-metragem *Catástrofe* (2013), dirigido pelo cineasta Gian Orsini.

Mas afinal, tudo estava decidido. Eu fiz o que tinha que fazer. Com carinho, coloquei um lírio em cada cômodo e criei uma trilha de fogo que se alastrasse lento porque é assim que um verdadeiro incêndio deveria ser. Caminhei até a o ponto em que o intermunicipal parava. Uma mochila nas costas, já estava empolgada para toda a vida que teria pela frente. Como ela seria?

Acordei várias vezes, ainda encontrando atrás de mim a mesma paisagem. Os grilos troando. Acho que não se tem nunca dimensão do tamanho da propriedade sem olhá-la da estrada. Nem do tanto que demoram os ônibus, ou o frio que faz do lado de fora.

Não se pode dizer que foi covardia. Eu apenas entendi que a melhor coisa que tinha a fazer era voltar para a propriedade, buscar o cachorro, acordar Nestor. Estou exausta.

Vou colocar um lírio debaixo de cada travesseiro e atear fogo nessa casa. Perdi as contas de quantas vezes pensei nisso. Não que eu não gostasse da casa ou da floricultura ou do meu marido. O dia já começa a esquentar quando termino. Ainda a tempo de abrir a floricultura.

Eu abro, pontualmente, às oito horas.



CONTO

“BUBUIA”

PEDRO AUGUSTO BAÍA

sf

1. REG (AM, PA) ato ou efeito de bubuiar.
2. linha sem chumbada para a pesca à superfície da água ou pouco abaixo dela
3. REG (N., N.E.) V borbulha, acepção 1.
4. REG(N.) Coisa de pouco peso

Etimologia: tupi *mbembúia*.

Eu despacho um matá-matá por um tracajá, o tracajazinho calado, só de bubuia no igapó, depois rastejando feito folha, puxando a casa estreita na costa, o casco fininho, leve, olhinho brilhando, até achar o monte de caroço de açaí, pisar de leve e afundar, deixar a maré vim e levar, ficar de bubuia, o olho descansado sobre o mundo.

De bubuia, longe da agitação do mundo, motor de embarcação, barulho. Poraquê nenhum quer rio cheio de popopô.

Perguntei à minha avó se tracajá leva choque.

Do quê?

Poraquê.

O bicho nem quer.

Por quê?

Tracajá é bicho manso, não merece choque. Castigo em quem pula na água apressado, sem pedir licença.

Peço licença antes de subir na árvore de açaí. Visto a peconha e salto, a barriga encosta no tronco do açaizeiro. Não tem vento, o tronco verga com o peso do meu corpo, minha barriga roça a árvore, ela ouve o meu corpo, é assim desde os sete.

Faço as pernas subirem mais um pouco, os braços e mão enrodilhados, indo alto, alto. A peconha aperta e jogo o meu corpo para trás, quero encontrar algum vento, estalar as costas. E nisso de me afastar, topo com dois olhinhos que me observam, pou-sadinhos no cacho de açaí; a luz do sol alumiou eles, bateu de volta e me mostrou. Se eu fosse besta, me soltava aqui de cima, vendo esse bicho que é um pouco de muita coisa – cabeça de jacaré, corpo de cobra, olhos de mentira nas asas.

Jequitiranaboia esperando algum vento pra ir embora, o bucho cheio de seiva. Não faz mal, só é assim meio misturado, cigarra-cobra, não é ingerada como a matinta-perera, tá ali esperando um pouco de vento.

Jequitiranaboia, vai tu ou o açaí?

Sopro...

Voa,

je

qui

ti

ra

na

boi

a

Bubuia no ar, se a tua asa deixar!

Se eu fosse tu, voava e dizia que era cobra, jacaré, onça, bicho brabo, porquê no ar, pra ninguém mexer contigo.

Voou..

Coloco a mão no cacho de açaí, esse é do bom; com a outra eu saco o facão do cós do short. Cerro. Lá vai o cacho, chão apara!

Eu aqui no alto, nunca mais ser tracajá, nem pássaro. Sem asa, desço, peconha no calcanhar, tira peconha, pisa na terra, não levemente como o tracajá; pesado, sou gente de novo. No mundo apressado, querendo abrir a boca, deixar sair palavra, falar, só falar, nunca vou ser um tracajá, nem poraquê. Só tenho palavras. Não sei fazer feitiçaria com as palavras, faço algo que não é um grito – não consigo gritar -, tento enrodilhar as palavras na superfície sem vírgula de cada bicho e planta que toco. Não sei se é poesia o que eu tento.

Escuto o grito, rotina na ilha sempre ao meio-dia. É o grito que até os bichos sentem pena, grito de gente que bicho sente pena é uma danação, mau agouro. O vizinho mergulhou demais, na ilharga do oceano, rio-mar, voltou com o espírito e mente afobados.

Retornou repetindo a palavra que ninguém tinha ouvido, palavra grande e cheia de medo, não cabe na poesia. Eu só aprendi quando a professora ensinou a soletrar:

pe

tró

leo

Sufoca o rio na foz, repete o vizinho, faz levantar alga e peixe morto.

Ninguém nunca me disse, mas eu sabia, no pesadelo do vizinho era impossível ficar de bubuia no rio-mar, pororoca escura, palavra grande toda misturada. Com o que sonham os tracajás?

Alguém anuncia depois do grito:

Pororoca tá vindo.

Busco o rio, na sua beirada vejo as árvores se deitando, é o vento descambando na baía, abrindo caminho pra pororoca.

A carne da ilha, terra rasgada despedaçada na água, é assim que vai ficando com a movimentação, o grande porto chegando, empreendimento é um nome grande, dá medo. Ontem, sete canoas enfileiradas na entrada do furo, todo mundo ali é meu vizinho, protesto é um nome corajoso. O pessoal do empreendimento deu meia volta e retornou, como é chegar na casa dos outros e desmanchar tudo? Nem macaco estraga morada de João-de-Barro, a cobra peçonhenta abocanha o filhote, nem encosta na casa, deixa o ninho intacto, respeito é sagrado, por isso eu peço licença.

A pororoca vem, rasga a barriga do rio, desmonta as raízes e cipós velhos nas beiradas. Esse ano a pororoca tá fraca, perdeu força, mas ela vem. Eu jogo o cacho de açaí dentro do panelaço, começo a correr. Mas eu não quero a pororoca, nem as pontes balançando, as palafitas subindo e descendo, nem as nuvens mudando de posição no céu. Eu quero os primeiros instantes depois da pororoca passar, quando o rio se amansa e as raízes começam a flutuar, a terra remexida afunda.

Ela passa, Po, Ro, Ro, Ca!

Eu salto sobre a água, no rio quase manso, cafuné na maresia; fico ali sentindo a água morna descansar ao meu redor, fecho os olhos – de bubuia –, quase um tracaí. Nessas horas queria ter escama, ou a pele lisinha do boto, a arte de afundar na areia como uma arraia. Queria um corpo misturado – cabeça de um bicho, braço de outro, listras, brilho, fluorescências, descargas elétricas, ferrão, um olho no braço e na costa, ouvir com a pele. Queria ter um nome que existisse na língua que batizou a pororoca e o mapará.

Inveja eu sinto da Jequitiranaboia.

O meu parto demorou muito, eu não queria sair de dentro da minha mãe, queria ficar lá pra sempre, de bubuia. A parteira teve que me puxar, sete rezas, arruda, cabacinha, manjerição, espada de São Jorge. Eu não queria esse mundo? Por isso desarrumo as palavras, espalho elas no mundo, tento a poesia?

Ainda tem a água do rio, ainda posso ficar de bubuia, tentar arrumar as palavras, entre o voo da jequitiranaboia e o petróleo na foz. Bicho algum é poesia?

Saio da água e volto pra vida, essa pororoca. Finjo que sou gente.

FIM

Pedro Augusto Baía é servidor público estadual e doutor em Psicologia Forense pela Universidade de Coimbra. Nasceu e vive em Abaetetuba, Pará. *Corpos benzidos em metal pesado* é seu primeiro livro e venceu o Prêmio Sesc de Literatura 2022 na categoria Conto.



CONTO

TUDO BEM

TAIANE SANTI MARTINS

Você morreu num dia de sol como hoje e tantos outros que as pessoas aproveitam ao ar livre.

Hoje o dia estava perfeito, os meninos correndo atrás da bola surrada que o tio Augusto tirara de um canto mofado da despensa dos fundos. A Ana, do outro lado do pátio, besuntando as coxas com aquele creme de procedência duvidosa que ela jura que bronzeia três vezes mais rápido. Amanhã vai dizer às amigas que passou o final de semana na praia com o novo peguete. A Ana terminou com o namorado faz uns dois meses. Ou o namorado da Ana terminou com ela faz uns dois meses. Ela diz que está tudo bem.

Tia Val estava assando biscoitos na cozinha, dava para sentir o cheiro lá do quintal. Tudo no seu devido lugar como numa propaganda de uma margarina qualquer, vendendo ômega 3 a preço de obesidade. A mãe até gosta de margarina, mas a mãe não está aqui.

Eu continuei lendo meu livro quando Tio Augusto gritou da janela perguntando se eu queria dar uma volta. Já não lembrava os detalhes das cinco últimas páginas, mas continuei seguindo as linhas.

Tio Augusto é um cara insistente. Quando viu que meu único movimento foi o de correr os olhos pela página, ele se aproximou da minha cadeira e me disse que iria dar uma caminhada. Quer ir junto? Mostrei o livro. É pra faculdade. Tio Augusto sorriu, contou alguma piada sobre seu tempo de calouro e eu dei risada. Talvez mais tarde, o sol ainda está muito quente. Eu ainda ria. Um riso de um vinil que continua a rodar mesmo depois do fim das faixas, sem que alguém se lembrasse de virar o disco. O tio Augusto costumava ser engraçado.

A Ana não teve tanta sorte quanto eu e foi acompanhar o pai na tal caminhada. Eu fiquei com as incumbências de olhar os meninos, ler o meu livro e ajudar a Tia Val com os biscoitos. Os meninos acabaram brigando por causa da trave do gol: uma havaiana que deveria estar 10 centímetros mais para esquerda, ou para a direita. Os biscoitos queimaram. E até agora eu não sei o que estava escrito naquelas cinco páginas.

Ajudando a Tia Val descobri que ela e o marido estavam sem se falar, algo relacionado com a viagem de fim de ano. Os bilhetes estão caros, o destino não agrada e as crianças talvez peguem recuperação. A tia Val disse que está tudo bem.

Lá em casa nem pensamos em viagem de fim de ano e talvez a mãe e o pai também estejam sem se falar.

Comigo a mãe fala, até me convenceu a passar o final de semana com a família da Ana, ficar um tempo com minha amiga. Como se eu acreditasse nos benefícios da margarina. Às vezes vejo a mãe com olhos de cebola, ela tem passado muito tempo na cozinha. Ela me diz que está tudo bem e que eu preciso tomar sol.

Eu sempre preferi os dias de sol, lembro-me do último. Lembro que foi agradável como hoje. Tinha gente correndo no parque, tinha crianças jogando bola e brincando no chafariz, tinha cheiro de primavera. Lembro-me de como tudo estava amarelo e depois laranja e depois branco. Lembro que aprendi que o sol cega. Lembro-me do barulho da freada e do cinza ter ficado vermelho. Quando eu vejo o pôr do sol, eu ainda vejo o vermelho.

O tio Augusto e a Ana voltaram exaustos da caminhada. A tia Val desistiu dos biscoitos, arrumou as crianças e fomos todos comer um sorvete na praça. A mãe ligou depois do jantar, eu disse a ela que estava tudo bem. O dia tinha sido ótimo e eu tinha tomado sol.

Você morreu num dia igualzinho a esse.

Taiane Santi Martins nasceu em Vacaria, RS, em 1988. É doutora em Escrita Criativa pela PUCRS, formada em História pela FAED/ UDESC e em Letras pela UFSC. Tem poemas e contos em coletâneas e revistas. É editora da Travessa em Três Tempos, revista literária que fundou em 2010. *Mikaia* é seu primeiro romance e foi parcialmente escrito na Ilha de Moçambique, onde residiu. O livro venceu o Prêmio Sesc de Literatura 2022 na categoria Romance.



Davi Boaventura

#PLAYNAPOESIA



DANILOFURLA

DANILO FURLAN

Danilo Furlan é graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), especialista em Literatura Infantil pela UniBF e Mestrando em Educação - UEM. É bonequeiro, contador de histórias, escritor, diretor da Cia Manipulando Teatro de Animação e produtor de eventos nestas áreas. Atuou em mais de vinte espetáculos como manipulador de bonecos e contador de histórias. Sua carreira teve início em 1997 e já o levou a participar de festivais importantes, como o Filo (Londrina), o Festival Espetacular de Teatro de Bonecos de Curitiba, a Feira do Livro de Porto Alegre, entre outros.

Participa da obra “Contação de Histórias: Tradição poética e interfaces”, publicado em 2015 pela Edições Sesc SP, DA Coletânea Sesc de Contos Infantis, do Sesc Paraná, de 2017, além de ter publicado os livros “Sai pra lá, vira lata!” (2017), “Quando o cheiro da chuva vem” (2019).



CONTINUE OUVINDO



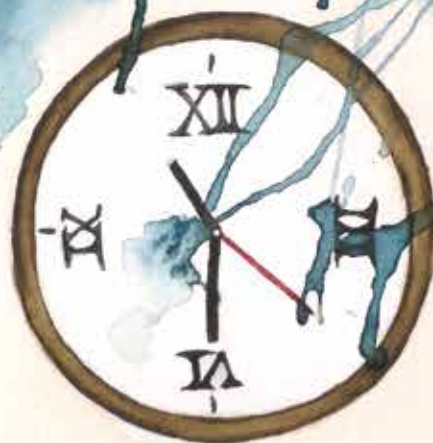
ILUSTRAÇÃO



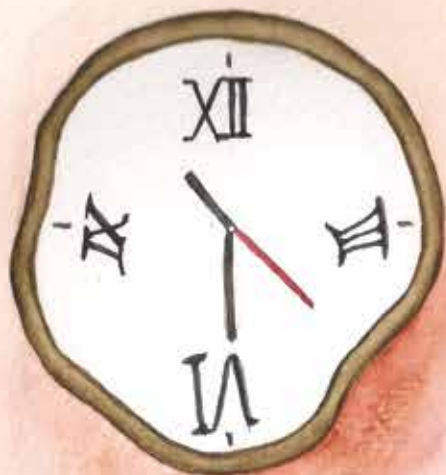
Escritor, roteirista e músico, **Zé Wellington** é o roteirista de *Steampunk Ladies: Vingança a Vapor* (vencedor do Troféu HQ MIX 2016 na categoria Novo Talento Roteirista), *Cangaço Overdrive* (semifinalista do Prêmio Jabuti 2019 na categoria Histórias em Quadrinhos), entre outros quadrinhos e livros. Tem participado ainda de diversas coletâneas e revistas especializadas em literatura fantástica e quadrinhos. Isso, claro, quando não está exercendo suas atividades de criador de gatos profissional e pai em tempo integral.



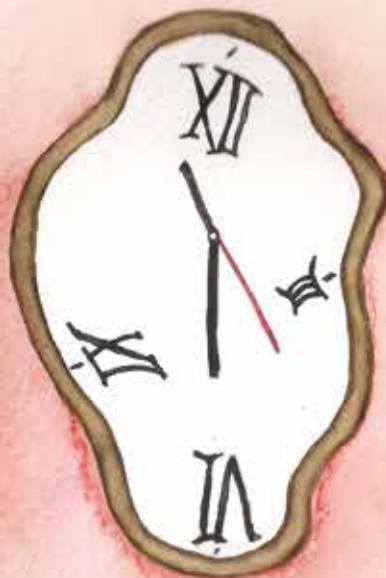
la acontecer e ele
sofria por isso.



Via o relógio
paralisando...



Os ponteiros quase
andando pra trás...



Como dói a
espera pro inevitável.

#PLAYNAPOESIA



GUALBERTOMARCIANO

MARCIANO GUALBERTO

Marciano Gualberto é natural de Parnaíba-PI. É historiador e escritor, membro da Academia Mundial de Letras da Humanidade. Autor do livro de poemas Nguzu que rompe grilhões. Participante de obras regionais, nacionais e internacionais, dentre algumas delas: Coletânea Poética Versania, Almanques da Parnaíba, Concurso Nacional de Novos Poetas, Literatura e Cultura em Tempos de Pandemia, lançado em Portugal e Antologia Natureza África, lançada em 2022 na África.



CONTINUE OUVINDO



POESIA

FRANCISCO ALVES

MEU OGUM

Meu Ogum chora sem saber da guerra
que empapa os faróis dos últimos homens,
eu não queria ser de barro, do charco
ou do odor dessa terra. Eu fedo a gente
de pele ardida, queimada em água
nos movimentos do engasgado afoxé.
Meu Ogum chora fiapos de mim
em campos de facas, adagas e cidreiras,
quase ramos de vitória de quem nunca ora,
ou quando não voa quebra os pés...
restarão palavras ao filho de Ogum?
eu, boca negra no corpo vago em ambições da
terra
respiro o passado:
Xiiiiipaaaaaaaaaaaaa
e caio na rede pendurada do coração ao baço,
Meu Ogum embala o corpinho Abayomi,
e planta na força e na adaga o mel da peleja,
sangrando o homem de dentes brancos
eu nunca saberei dos homens e nem do canto
do primeiro adão negro. eu não quero mais a
alma
das gentes. eu desejo apenas o segredo.
Meu Ogum pisa fundo e sabe
que entre o sangue e a pele existe um dilúvio
de sede, quebranto e o imenso verde.
Meu Ogum observa e diz:
quer poesia ou guerra?
Não sei responder,
e verto lágrimas
e olho a guerra
e enterro palavras.

CABELO CRESPO

Meu fio é embalado pelos dengos ancestrais,
nascidos no corpo-círculo, semente negra
no tempo das caças e tributos aos seres
de tinta e sal. Tenho pena dos homens líquidos,
e seus corpos imprecisos entre o altar e a
floresta,
olhai para o encruzo na minha cabeça,
vês o crespo que acena, canto africanizado
em batuques do sofrer nas praias de sal,
sob o teu busto eu me destituo em rasgos e
puxões clamando ubuntu! Ubuntu!
Renasça muído na encruzilhada dos crespos,
até que a última rama de cabelo
chova do céu negreiro...
há de acontecer no tempo das nuvens,
a tara
o corte,
o plantio de algodão nos umbigos,
porque no cetro das cabeças negras
a vida amara trança os espíritos!
Os fios cairão na terra,
e antes que eu rufunde a cidadela,
para os lombos crespos,
eu grito:
Companheiros, amai!
Amai o dorso dos cabelos crespos!

GOTAS

O meu corpo de água avoluma paixões,
e como galo cego pio em alto mar,
avante! avante capitão desastre!
estuda, examina a dobradura do sopro,
apruma os sons nas vias do esquecimento,
é tempo de novos pregos
para tábuas etruscas...
chove lá fora
chove em mim,
dentro do meu espírito pernetá
cobra e gavião cantam liturgias
como fugas de um Deus tímido,
e eu apenas abro a boca pro ar
engolindo chuva,
o corpo,
talvez reto, ou curva,
ou ajoelhado em prece rubra
nada é nada faz de laborioso,
vida é pequenez.

e tolinho diante da chuva milenar
penso nas pedras molhadas,
no musgo que nunca conhecerei,
nos vãos das cavernas
penso até em sereias deprimidas
jogadas em recôncavos
plenas de amor e ira.
quando chove lembro que sou poeta,
não porque o céu desaba
ou no tesão de abonar a alma com palavras
o corpo se refestela
e pode até ser piegas também.
vida é bobice.
Ai! mas quando a chuva acaba
o meu corpo
ora terra
ora brasa
apenas repara no mar que ficou atrás
água solitária
em cântaros profanos
pois tudo vai se repetir
a mesma falha:
a água que enxovalha a terra
não cabe na planta dos pés,
ela é antes das “eras”
de mim e desse poeminha bobo.



Francisco Alves é escritor, professor, ator e diretor teatral. Formado em Letras/Literatura (UFRR), Especialista em Direção Teatral (FADM), Mestrado e Doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (UnB). Possui diversas publicações, entre as quais se destacam os livros de poesia *Poemas urbanoides* (2017) e *Ruídos noturnos e poemas do esquecimento vivo* (2017).

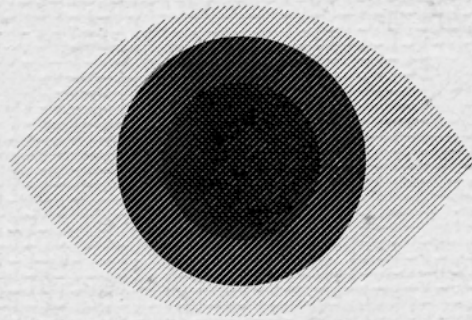




POESIA

NATHALIA LEAL

Não há nada mais libertário que a periferia, que conhece a comunidade por rosto,
que compartilha o único carro na vila pra assistência médica das família,
pixo ou xarpi como ponto de referência, carro do ovo e saquinho de itubaína.
Arquitetura maloquial, horta comunitária,
o sensacionalismo do Datena não contempla as comuna solidária.
Levanta laje da vizinha em mutirão,
futebol de várzea, loiro pivete, são Cosme e Damião.
Favelas são aldeias e quilombos que se refugiaram nas margens em diáspora,
língua materna,
disfarce na bala,
erva de santa maria,
risca-faca, de bailão a feijão fava.
Periferia é mãe de refugiados,
caminhantes, vazanteiros, originários, não-aldeados.
Nós fizemos um voto com as nossas avós,
nossas mães,
estar em galerias e espaços da arte é a forma de retribuirmos os sonhos interrompidos
ainda quando éramos sonhos nas constelações:
com a identidade do estado, sem sobrenome nativo, nós éramos só números nas migrações.
E a arte é isso:
É um compromisso de memória afetiva e pacto de servir aos pés que tocam a terra do chão.
de não abarcar no vil,
eles trouxeram a guerra da seca e nós nascemos pra sermos rio.
e se for pra abaixar a cabeça,
só se for pra ficar mais perto do coração.



A arte é a última faísca que fica na ponta do dedo e nos traz de volta à vida,
que faz lembrar a divindade de respirar no mesmo tempo que mulheres zapatistas, que
proclamam: "irmã, onde está a luzinha que confiei a você?",
que faz a responsabilidade do vívido
do abraço que cobre os ombros e afaga o espírito.
É o resgate e a mão que puxa pra superfície,
a solidariedade é uma identidade de classe.
A gente precisa fazer da ternura nosso estado de democracia,
ter a ternura como filtro dos olhos é uma proeza que nossas ancestras bordaram na nossa retina,
a esperança é uma sina
antifacista
é a nossa herança ancestral que nunca dividiu a arte da vida,
que só enxerga a última fresta de brilho no meio do breu,
pra gente que já se esqueceu.
Fiz uma cabana no quintal pro meu filho,
feita de bambu e folha de coqueiro.
Todo trabalhador descansa debaixo dela.
Luccas gosta que a gente descansa nela enquanto conto histórias de meu avô Valdemar,
que colocou seu próprio nome na certidão quando teve de se mudar:
"Teve um tempo,
antes dos nomes em papel dentro da lei do homem branco,
nossos entes mais velhos viviam em plena harmonia,
antes da busca por minério e seu Tataravô trabalhar na construção de ferrovias.

Antes,
nos anos em que sua tata Salustiana crocheta andorinhas e trapoeraba de cabeça, sem gráfico ou guia.
Antes,
Quando sua bisavó Severina,
na vistação do m'bae tatá nas montanhas do cerrado de Angelim quando era menina.
Antes,
na colheita de umbu e seriguela e o pé de jaca plantado pelo seu tio Arlindo,
que interpretava sonhos e curava com a fala feito tesouro na seva,
Antes,
desde a terra sagrada Kariri até a favela...
nunca mais,
nunca mais voltar a tapera."
Não nos contaram sobre a grandeza dos encantados nem as falanges dos cosmos que
criaram as estrelas,
do firmamento dos céus,
dos contos e sonhos descritos no chão com esteira trançada em barbante e casca de bananeira.
Desde a copa do pé de Jequitibá,
até às raízes que cortam quilômetros de terra tekoa.
Desde o nascimento de Abya Yala,
entre Guaranis e Maias,
a reza e a cantiga do cotidiano na invenção da fala: Acreditar na palavra.
Quebrar as muralhas que impuseram, derrubar o espaço de fala pra criar o espaço de escuta,
eles tentaram nos separar porque sabiam que a nossa riqueza é conjunta.
Nos colocaram em cárcere de cimento,
na cláusula de migração,
sem terra e ao relento,
criaram as fábulas da ilegalidade como forma de opressão.
Todo rio açú foi curumim um dia.
Todo bobô foi menino antes,
não é passado se os antecessores são o nosso guia,
seguindo os passos de quem mostrou o caminho adiante.
- saiba onde seus entes mais velhos nasceram pra ter qualquer
perspectiva de vida -.

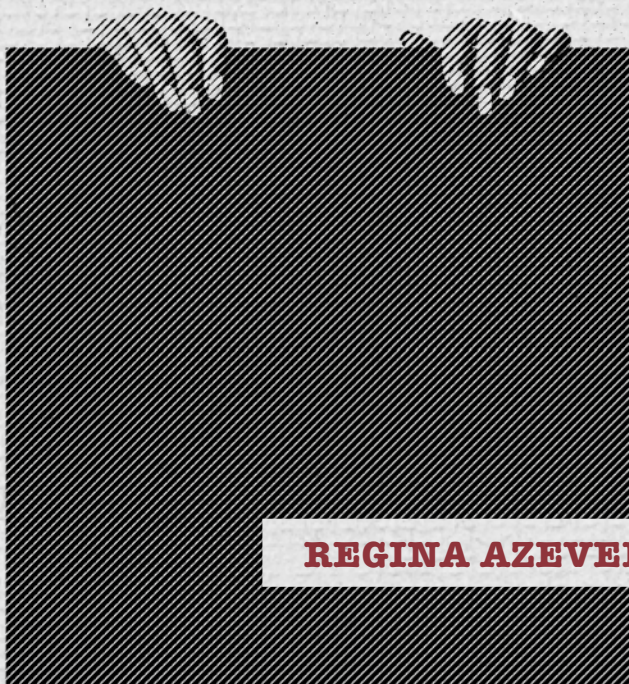


Contamos histórias pra que a vida seja contínua desde a pintura,
na renda, grafismo ou na xilogravura,
guardada no seu da boca e decorada na ponta da língua...
Nunca mais morrer a língua.
"Gô noêno hodi por ter esquecido os kadiwés..."
maldita a palavra que se atém no passado quando a perspectiva é de futuro,
bendito todos os sapos que eu engulo,
(a mansidão é estratégica)
e das esquivas do que parece soluto.
Acho ruim quase tudo.
Mil vezes aumentar a mesa do que criar muro.
Dignificada seja a planta dos meus pés que encolhem na terra
e enclinam meus ouvidos aos ventos,
recolher o tempo,
encolher meu corpo na margem da minha cama,
"kjalkankan iati sasti esucela ru sarai munta"
- quero levar o nome da montanha -
Não me importa se me empenha subida ou o tanto que demora:
não quero fazer o percurso de ida,
eu quero fazer o percurso de volta.



Acervo pessoal

Nathalia Leal é indígena da nação Kariri do território de Pernambuco. É co-fundadora e organizadora do Slam da Retomada – primeira batalha de poesia da cidade de Paraty, que é formada somente por mulheres indígenas. É contadora de histórias e educadora pelo Sesc Paraty em parceria com a Rede Mar de Leitores nas bibliotecas comunitárias e escolas públicas da cidade. Artista visual e educadora popular pela Punkariri desde 2010.



REGINA AZEVEDO

querida ana
boa tarde
com licença
não vou te tomar muito tempo
o que me acontece
é um terremoto
no escuro do corpo

é o que acontece com rita
é o que acontece com elena
é o que acontece com maíra
é o que acontece com zila
é o que acontece com virginia
é o que acontece com maria
é o que acontece com angélica
é o que acontece

*

POESIA

querida ana
trinta dias passaram
desde o nosso encontro
nas primeiras dezessete noites
tomei rivotril e cheirei lavanda

depois tentei de tudo:
virei uns shots
me empanturrei de angústia
costurei estrelas debaixo da pele
sonhei com outros homens
pratiquei escalada
arquitetei assaltos
planejei cada luto

perdi total
a capa de bruxa
não esqueço das suas palavras
durmo acordada
pensando nelas

*
querida ana
não pude ir
perdi a vontade



Regina Azevedo nasceu em Natal (RN), em 2000, e é poeta, pesquisadora e revisora de textos. Integra a antologia *As 29 poetas* hoje, organizada por He-loisa Buarque de Hollanda, e a Biblioteca Madrinha Lua, da editora Peirópolis, com o título *Lança chamas* (2021), que reúne um apanhado de sua produção poética. Também publicou a plaquete *Brasil, uma trégua*, pelo Círculo de Poemas, em 2023.

POESIA

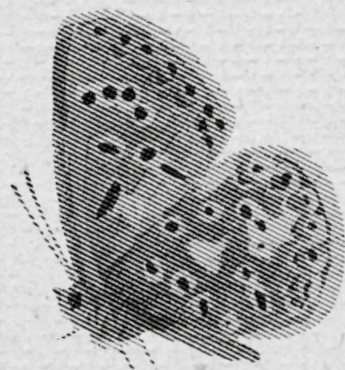
DE LAVADA - TRÊS POEMAS DE LUIZA ROMÃO

I. CINCO A ZERO

não é que chovia
romperam as fontes do grande abismo
um jogo de pólo aquático
marcela não diz nada acostumada aos dilúvios acompanha a bola meiões de lama
é que o mundo se acaba
mais uma vez

II. MARCELA NÃO CHOROU

diria noé
diria um telespectador desavisado
diriam
quando pompeu foi devorado pelos cocker da vizinha quando prendeu o dedo na porta do vestiário
manteve as rédeas e os olhos secos
quando mica terminou por telefone
o pai saiu pra comprar cigarros daqui não sai uma lágrima tremedeira danada
o mundo caindo
a pupila firme
mas no dia em que jorge v. assinou contrato com o al-ain esse dia não teve como



III. O PROBLEMA NÃO É PERDER

há derrotas tão previsíveis
nem merecem esse nome
marcela lembra da revanche
faísca contra água benta
diferença tanta que nem por milagre
há derrotas que enlouquecem de cara a memória do atlético pênalti inventado aos trinta nem
contato e lá veio vermelho
há derrotas que se lamentam outras que se negam marcela conhecia de todas ou quase
naquela tarde
não é que chovia
as janelas do céu se abriram
um dois três quatro cinco
há derrotas que não se anunciam marcela imóvel no temporal
o time rendido em campo
não sei o que aconteceu
se aconteceu não to sabendo
soa o apito consuma-se o fato
sem entendimento as derrotas doem mais
marcela encharcada respira debaixo d'água



Álvaro Serrano Sierra



Luiza Romão é poeta, atriz e slammer. É autora dos livros *Sangria* (2017, selo doburro), *Também guardamos pedras aqui* (2021, Editora Nós - vencedor do Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Poesia e Melhor Livro do Ano e Semifinalista do Prêmio Oceanos) e *Nadine* (2022, Editora Quelônio). É Mestra em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH/USP), pesquisando voz, poesia e slam. No teatro, integra a Coletiva Palabreria.

ELISA PEREIRA

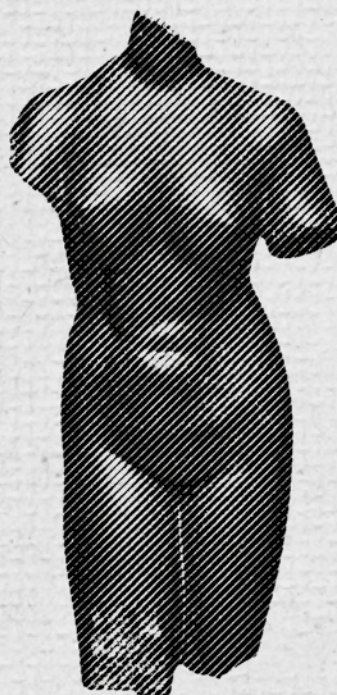
LA FEMME

Ser mulher,
abrir caminhos com as unhas
e arranhar a ponta das oportunidades,
esperar pela próxima onda.

Ser mulher,
derramar a vida inteira
e escorrer em vala rasa,
aguardar o próximo amor.
Ser mulher,
desejar ser perfeita
e ainda assim não ser aceita,
resignar-se.

Ser mulher,
sufocar o choro
calar o pranto
enterrar seus medos.

Ser mulher,
acolher o futuro
parir o improvável.



A INQUILINA

A mulher que vive em mim
contemplou um reflexo no espelho
riu de si mesma e se amou.

A mulher que habita em mim
adentrou sua própria imensidão
mergulhou em um mar de possibilidades
e se entregou.

A mulher que reside em mim
escalou o muro na calada da noite
lançou seu olhar sobre o horizonte
e sonhou!

POESIA

REGRESSO

No corte certo do tempo
entre um verso e outro
a mulher costura a vida

suas mãos alinhavam
novos caminhos
traçando rotas
pra casa

É preciso voltar



Lee de Paula

Elisa Pereira é poeta e escritora, tendo ganhado o 2º lugar do Prêmio Nacional de Poesia Carlos Drummond de Andrade/SESC-DF (2016). Participa de várias coletâneas e revistas literárias nacionais e internacionais. Idealizadora, produtora e curadora do projeto Fuzuê Literário/Paraty. Tem 03 livros publicados: *Memórias da Pele* (2018, Chiado Books), *Sem Fantasia* (2020, Editora Venas Abiertas) e *Miolo* (2022, Editora Patuá).

#PLAYNAPOESIA



COSCANTINE



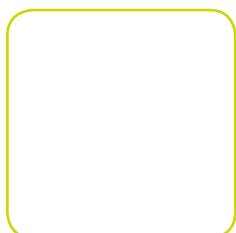
COLDMANSA

COSCA

Cosca é sócio fundador, diretor executivo e artístico da Kalifa LXXI, uma Produtora / Agência especializada na cultura urbana e HipHop e que tem como lema o protagonismo negro e periférico. Poeta, Filmmaker, fotógrafo, editor, diretor criativo, Cosca é fundamental na construção do cenário HipHop na Bahia, onde já trabalhou com nomes como Emicida, MC Marechal, DJ KL Jay (Racionais MCs) Criolo, MV Bill, dentre outros e é o criador do 3º Round, batalha de MCs responsável por lançar nomes como Baco Exu do Blues.

COLD MANSA

Cold Mansa, um jovem afro nascido e criado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, cria das rodas de freestyles e dono de versos melódicos, quentes e empoderados da cena HIPHOP soteropolitano; um dos prodígios dentro do circuito de Rima Improvisada do Norte Nordeste, teve sua carreira musical oficializada no ano de 2021 lançando seu primeiro Single "D'azarea" em um show com o Rapper Carioca Sant.



CONTINUE OUVINDO

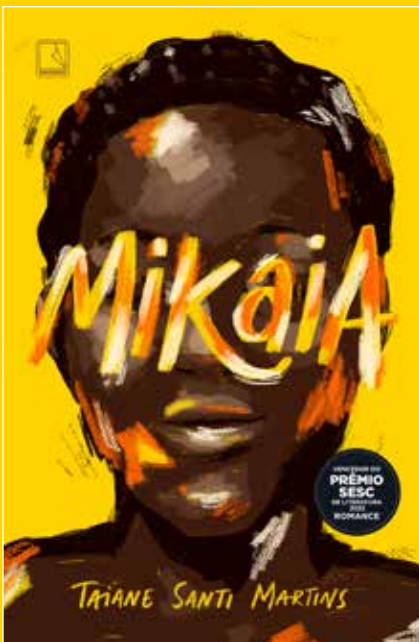


DICAS DE LEITURA

MIKAIA de Taiane Santi Martins

Mikaia, romance de estreia de Taiane Santi Martins e vencedor do Prêmio Sesc de Literatura de 2022, narra, através da busca de Mikaia, uma dançarina de balé que sofre uma amnésia repentina, a história de três gerações de mulheres que viveram e fugiram da guerra civil moçambicana. Narrado por múltiplas vozes, o livro joga com as diferentes maneiras de se lidar com um passado traumático, pois, enquanto a irmã, Simi, quer esquecer, Mikaia quer lembrar, sua mãe e sua avó, Shaira, decide traçar o caminho de recuperação de um passado que lhe voltam de Simi em renúncia a uma vida por vinte anos às custas

O livro transita por temas de violência contra a mulher, memória e a identidade cultural do Brasil sobre a cultura moçambicana, vive o dilema de se sentir que precisa reaprender o caminho. Nesse sentido, assim transita entre identidades deslocando-se entre os oceanos Índico e Atlântico, a construção de linguagem do romance também transita entre as variantes do português brasileiro e moçambicano – e sua língua materna, o emakhuwa, torna-se elemento central nesse movimento de resgate.



como o corpo, a dança e a guerra, a construção da memória, além de discutir o olhar moçambicano, já que Mikaia brasileira ao mesmo tempo que significa ser moçambicana a personagem central e pertencimentos, deslocando



Taiane Santi Martins nasceu em Vacaria, no interior do Rio Grande do Sul. É Doutora em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica e Mestra em Literaturas Estrangeiras Modernas, com ênfase em Literaturas Francesa e Francófonas. Em 2022, venceu o Prêmio Sesc de Literatura, com o Romance Mikaia.

CORPOS BENZIDOS EM METAL PESADO de Pedro Augusto Baía

Nos onze contos que compõem *Corpos benzidos em metal pesado*, livro de estreia de Pedro Augusto Baía, a unidade narrativa que os une são as vivências da região norte do Brasil, em todas as suas facetas: a floresta, os indígenas, a industrialização, a precarização das cidades, a violência com os desfavorecidos, a desigualdade, a comunhão com a natureza.

Os protagonistas são uma imigrante da região Norte boliviano na Europa, um vítima quilombola, uma fome de pânico em uma cidade numa seção eleitoral de um homem contaminado garimpo, entre outros. Por *Corpos benzidos em metal pesado*, conflitos e violência, são que tecem a resistência, que conter tanta ternura e inocência, no conto “Carne de guntar ao irmão” “como um rar dentro de uma palavra



vítima do garimpo, um que é confundido com um repórter que investiga uma tógrafa que sofre um ataque de alagada, um massacre tro de uma aldeia indígena, por metal pesado, fruto do rém, embora as histórias de pesado sejam repletas de as relações de afeto, os elos se evidenciam, podendo cência como quando uma boi”, sente vontade de perrio limpinho consegue moção pequena”.



Pedro Augusto Baía nasceu em Abaetetuba, no Pará. É doutor em Psicologia Forense pela Universidade de Coimbra e mestre em teoria e pesquisas do comportamento pela UFPA. Em 2022, com a obra “*Corpos Benzidos em Metal Pesado*”, venceu o Prêmio Sesc de Literatura na categoria Conto. A Revista Bula incluiu a obra na lista dos 10 melhores livros de contos publicado em 2022.

O NINHO de Bethânia Pires Amaro

Vencedor do Prêmio Sesc na categoria Conto, as histórias de *O ninho* tratam das relações familiares sob a ótica feminina e buscam dessacralizar a casa como um lugar idílico e de segurança afetiva, como costuma ser retratada nas postagens de famílias ciais. Relações familiares que nos causam as nossas fates, assim como as quebras de maternidade — afinal, nem dentro de casa. O que resulta doenças da vida em família, literária e tensão narrativa.



Bethânia Pires Amaro nasceu no Recife e vive em São Paulo, onde atua como advogada pública. É formada em direito pela Universidade Federal da Bahia e mestre em Direito do Estado pela Universidade de São Paulo. Em 2023 venceu o Prêmio Sesc de Literatura com o livro de contos *O ninho*, publicado pela editora Record.

OUTONO DE CARNE ESTRANHA de Airton Souza

Vencedor do Prêmio Sesc na categoria Romance, *Outono de carne estranha* se passa no contexto do famoso e trágico garimpo de Serra Pelada, no Pará. Nessa terra fragmentada e violenta, a narrativa que se desenrola através da ricos e a ficção conta a hisgarimpeiros que se apaixonamburrar (encontrar ouro obsessão pelo metal e a rebate-paus criam uma atmosfera solitária. A terra úmida, do garimpo são cenário de se sabe se existe fronteira entre a morte e o erotismo. A uma poética imagética immo bruto.



mescla entre os fatos história de Zuza e Manel, dois nam e tentam, a todo custo, e, assim, ganhar a vida). A pressão do marechal e seus fera embrutecida, assassina os desabamentos e o cheiro um romance em que já não entre o sagrado e o profano, linguagem do autor mistura pressionante com um erotis-



Airton Souza de Oliveira nasceu em Marabá, no Pará. É historiador, linguista, professor, ativista social e escritor brasileiro. Sua escrita contabiliza mais de 40 livros nos gêneros de poesia, crônica, conto, romance e literatura infantojuvenil. Em 2023, venceu o Prêmio Sesc de Literatura com o romance *Outono de carne estranha*, publicado pela editora Record.

#PLAYNAPOESIA



MADUCOSTAESCRITORA

MADU COSTA

Maria do Carmo Ferreira da Costa; nome artístico: Madu Costa é professora formada em pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-graduada em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. (PUCMINAS)

Madu Costa é escritora de literatura infantil, afro-centrada.

É narradora de histórias.

É membra do Coletivo Iabás de narração de histórias das orixás femininas e de mulheres pretas em geral

Madu Costa é cordelista e repentista.

Madu é compositora.

Madu é cantora amadora.

Madu Costa é assessora pedagógica.

Madu Costa é arteira.

Gosta de inventar modas...

Gosta de modelar e costurar vestidos a mão.

Gosta de fazer conservas: de pepino, de jiló, de gengibre e de berinjela

Madu Costa acredita que pode fazer tudo que quiser.

É só acreditar e tentar.

Atualmente Madu Tem 17 livros publicados, sendo 05 Literatura de Cordel e 12 Literatura Infantil.



CONTINUE OUVINDO



CRÔNICAS

À PROCURA DA CADEIRA PERFEITA

JÉSSICA BALBINO

Poucas pessoas sabem, mas além dos sonhos mais grandiosos que incluem conquistas e viagens a locais paradisíacos, nadar com animais exóticos e beber bebidas com nomes estranhos, eu tenho alguns sonhos muito comuns. Mas, talvez por serem tão comuns, são os mais difíceis de serem realizados. Daqueles que precisam de fada madrinha, gênio da lâmpada ou qualquer uma dessas figuras pitorescas dos contos de fadas. O que trago aqui, é um deles.

Sabe aquele desejo infantil, que faz a gente suar a espinha, dá calafrio, frio na barriga, calor na cabeça? É exatamente esse tipo de desejo, que bagunça tudo, que eu tô falando.

E a busca por esse desejo durou anos. Foi às vésperas de completar 38 - já quase entrando nos 'enta' que consegui. Vejam só: uma busca e tanto. Uma vida inteira nessa odisseia. Só consegui depois de já ter concluído o mestrado, de ter me autorizado psicanalista, de ter passado por um luto da perda do analista, de ter perdido meu cachorro de 17 anos, de ter dançado valsa na minha formatura, de ter aprendido a fazer o melhor risoto do meu círculo de amizades.

Só consegui depois de tirar a melhor foto da minha vida, ganhando um beijo de um leão marinho no mar do Caribe. Só consegui depois de conhecer 12 estados brasileiros. Só consegui mesmo depois de alguns relacionamentos, empréstimos bancários quitados, o primeiro carro zero km, umas curadorias de projetos literários bem feitas.

Só consegui, caros leitores, depois de sobreviver a uma pandemia. E vocês, como eu, sabem: não é pouca coisa. Sobrevivi à Covid, à catapora, ao sarampo e até a rubéola. Sobrevivi a um atropelamento, a uma queda feia de patins, ao ossinho do pé fraturado no canto do sofá, numa corrida para atender ao telefone.

Vale dizer que só consegui depois de muito perambular por salas e salas: de rodoviárias, aeroportos, consultórios, trabalho, palestras, faculdades. Foi depois de 20 anos - duas décadas - que eu já havia entrado na universidade para cursar jornalismo, inclusive.

E quanta coisa cabe nestes 20 anos, não é mesmo? A morte de um papa, a renúncia de outro, um impeachment, a descoberta de água em Marte, Plutão deixou de ser um planeta, passamos a usar smartphones ao invés de apenas telefones e é possível tuitar de qualquer lugar, não existem mais CDs e ouvimos músicas em plataformas digitais - exceto os mais saudosos, que ainda apreciam o vinil, claro - o primeiro presidente negro foi eleito nos EUA, houve um incêndio no museu nacional, a amazônia e o pantanal pegaram fogo e anoiteceu às 15h no sudeste do Brasil, a Rainha Elizabeth morreu e o Rei Charles foi coroado.

Houve um surto de varíola do macaco, tentaram matar a vice-presidente da Argentina com um tiro no rosto e a arma falhou.



E isso tudo aconteceu nesse período em que tentei, diariamente, realizar meu sonho.

Mas, foi num dia qualquer, sem que eu estivesse esperando qualquer coisa diferente. Num dia qualquer que, já preparada para o pior: aconteceu. Sem aviso prévio, sem mudança de cor no céu, sem Dj tocando trilha sonora, sem a musiquinha de suspense que, nos filmes, antecipa um acontecimento assim.

Existia ali, BEM NO MEIO DA SALA, no sul do país, numa das cidades apontadas como a das mais nazistas do país: uma cadeira que cabia a minha bunda.

Uma cadeira com estofado preto, bom braço para uso de anotações e com espaço suficiente para que eu me sentasse e sobrasse algo dos lados. Uma cadeira comum. Sem qualquer adereço, mas que, vejam só, me cabia.

Foi depois de viajar o país todo. De cruzar o estado de ponta a ponta, por 12 horas, num ônibus. Foi só depois disso. Pensa só o quanto eu sonhava em caber. Em entrar numa sala e simplesmente caber. Sem me esforçar ou espremer para isso. Foram 38 anos perseguindo a maldita - ou bendita, sejamos justos - cadeira que caberia meu corpo.

Até então, era como se as cadeiras tivessem conspirado secretamente contra mim: prontas para me derrubar, me apertar, me machucar, literalmente, em cada fala que eu ousasse proferir. Os momentos constrangedores se acumulavam, assim como os acontecimentos nesse período, numa lista interminável de quedas e tropeços. Até que, enfim, me senti contemplada. Quase uma pessoa, sabe?

Eu ia poder ficar horas! Sim: H-O-R-A-S sentada ali sem medo de ser feliz, sem qualquer dor. Sairia sem qualquer machucado na lateral das pernas ou sem assadura no meio delas, por ficarem muito coladas. Sairia com a lombar intacta. Sem estar suada. Sem dor nos joelhos por fazer força para me segurar e não ter a cadeira desabando.

Eu, que já tive cadeira desabando em restaurante, sofá quebrando no meio de uma dinâmica numa biblioteca, banco arriando, que já me esborrachei no chão de uma aula importante sobre divulgação científica na Unicamp logo no início do mes-trado, quando tentava me mostrar uma pessoa intelectualizada.

Eu que já tinha caído no gabinete do prefeitoinho ficado de gatinho na frente da mesa do presidente da câmara municipal da minha cidade enquanto ele não sabia se me cumprimentava ou não. Eu, que na infância fui vaiada pela escola inteira depois de des-pencar rolando denúncia barranco no pátio.

Eu, que já deixei de sair por causa de não ter lugar adequado pra sentar. Que já roubei extensor de cinto em avião por ter sido arrancada da poltrona pela qual paguei a mais.

Eu que vou à praia e prefiro sentar no chão porque as cadeiras não me aguentam. Mas naquele dia, tudo mudou. Com minha confiança renovada e meu traseiro agradavelmente acomodado, eu me tornei a versão mais carismática e eloquente de mim mesma. As palavras fluíram sem esforço.

Eu, que sempre sonhei em caber, finalmente, poderia me sentar e palestrar por duas horas, ininterruptamente, sobre tudo isso que discorri acima. Fiquei tão feliz que, finalmente, pude debater estética na literatura.

Jéssica Balbino é jornalista, mestre em comunicação pela Unicamp, autora dos livros “Gasolina & Fósforo”, “Traficando Conhecimento” e “Hip-Hop - A Cultura Marginal”. Colunista do Estado de Minas, escreve sobre corpos e literatura. Apaixonada por café e livros. É psicanalista em formação. Tem medo de lagartixa e de estátua.



Maria Blasi

CRÔNICAS

RECEITA DE LEITOR

MARCELO MOUTINHO

Ao longo de 2023, cumpri um roteiro por dez cidades do lado da também escritora Débora Ferraz. Nossa viagem fazia parte do circuito Arte da Palavra, que o SESC promove anualmente, levando cerca de 50 autores para mais de 100 municípios em diferentes estados do país. Essa, aliás, é uma das características mais bacanas do projeto: juntar escribas com distintos sotaques, estilos, pegadas, e colocá-los frente a frente aos leitores de outras regiões. É o Brasil vendo a própria face num espelho que reflete o outro.

A temporada inicial, em Santa Catarina, significou para este carioca o resgate de casacos e cachecóis que havia muito dormiam no fundo do armário. Até que deu para disfarçar o cheiro de mofo. Nem todo mundo sabe, mas o fato é que no Rio não temos quatro estações, ao contrário das localidades em geral. São apenas duas: o Verão e o Inferno.

“



Débora, que nasceu em Serra Talhada — terra de Lampião — e hoje mora em João Pessoa, também sofreu com as temperaturas por volta de sete graus. O contraste climático refletia discrepâncias de outras ordens. Estivemos em cidades com 20 mil habitantes. Para se ter uma ideia, só Madureira, o bairro onde nasci, tem mais de 200 mil. Esse encontro amoroso de alteridades é tão salutar quanto urgente num momento de tamanha radicalização, como o que temos vivido ultimamente.

E foi assim, cercadas de afeto e genuíno interesse, que se deram as conversas com professores, universitários e estudantes do Ensino Médio. Após ouvirem nossos relatos sobre o início da carreira de escritor, os primeiros rabiscos no papel, o nocaute que a transpiração costuma impor à “musa inspiradora”, o público nos brindava com perguntas muitas vezes desconcertantes. Os temas variaram de cidade a cidade, de plateia a plateia. Mas houve uma questão que se repetiu em todas as conversas:

— Como vocês se tornaram leitores?

Minha parceira de viagem lembrou das tardes labirínticas entre as estantes da biblioteca de Serra Talhada. Das aulas de Matemática atravessadas por histórias que latejavam na mente. Do dia em que caiu em suas mãos um livro chamado *Venha ver o pôr do sol* e ela decidiu o que queria fazer da vida era despertar em alguém uma sensação parecida com aquela que os contos de Lygia Fagundes Telles lhe provocaram.

Foi curioso, e igualmente alentador, perceber que não estou sozinho. Assim como a Débora, a literatura me ganhou pelo encantamento ou pelo espanto, quase sempre pelas duas coisas juntas. Quando criança, gostava de ler histórias em quadrinhos. Das HQs, passei aos romances da coleção *Vaga-Lume*, que traziam tramas de mistério especialmente escritas para o público jovem. Os textos tinham um jeitão de folhetim. Como nas séries hoje tão acessadas nos *apps* de *streaming*, cada capítulo terminava com uma situação irresolvida. Era irresistível começar logo o seguinte. Só não havia o aviso de 15 segundos, como acontece nos episódios da TV. E nem precisava.

O passo seguinte foi a crônica, gênero que me desvendou o meu próprio tempo. Estava acostumado, na escola, a ler obras como *Iracema* e *A Moreninha*. Com todo respeito a José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo, dois escritores da mais alta categoria, eram histórias bem distantes da realidade à minha volta. Relatos idílicos, conforme preceituavam as premissas do Romantismo. Ótimos para se estudarem os estilos de época, nem tanto quando se trata de transformar um adolescente em leitor.

Imaginem, então, o susto ao me deparar com a história de um homem que vai caminhar tranquilamente no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas e acaba sendo assaltado. A crônica, intitulada “Depois do jantar”, integrava o livro *Os dias lindos*, de Carlos Drummond de Andrade. E em muitos aspectos parecia me dizer respeito. A Lagoa, contumaz referência geográfica do Rio de Janeiro. O hábito da caminhada, que minha mãe sempre praticou como atividade física. E, claro, o assalto.

O texto tinha ainda um irresistível tom de humor. Em dado momento, a vítima propõe que o valor trazido em sua carteira seja dividido com o criminoso. Que, por sua vez, nega o pedido, mas oferece um trocado para o ônibus.

A crônica de Drummond me abriu as portas para esse gênero literário tão despojado e tão próximo de nós. Para além disso, mostrou que a literatura, quando não encarada como mera obrigação, pode ser um universo fascinante. Embarquei sem passagem de volta.

Em um dos debates do Arte da Palavra, alguém perguntou que conselho eu daria para formar um leitor. Não há receita. Cada qual tem seus interesses temáticos, faz suas próprias descobertas. O leitor não germina porque é “importante” ler, muito menos por medida compulsória. É um sortilégio, um feitiço. E das melhores mágicas a gente não conhece o truque.

Escritor e jornalista. Com *A lua na caixa d'água* (Malê), conquistou o Prêmio Jabuti 2022 na categoria Crônica. Venceu também o Prêmio Biblioteca Nacional 2017, com a seleta de contos *Ferrugem* (Record). É autor, entre outros, dos livros *A palavra ausente* (Malê, 2022) e *Rua de dentro* (Record, 2020), e de duas obras voltadas para o público infantil. Organizou várias antologias, entre elas *Contos de Axé – 18 histórias inspiradas nos arquétipos dos orixás* (Malê, 2021).



Leo Aversa

CRÔNICAS

COMO ESCREVER UM ROMANCE

LUCIANY APARECIDA

Conversar com um tio que está desenganado da vida é um conselho que deixo a você, que quer escrever um romance. Foi assim que escrevi o meu. Era verão, mas o sol pouco nos aquecia. Fazia frio, era meio da manhã, estávamos embaixo de uma árvore de fruta do conde, daquelas que dão frutos alaranjados de casca fininha. A copa dessa árvore não é densa o que permitia a proteção de nossas cabeças do céu aberto, ao tempo que garantia, vez ou outra, o calorzinho de algum raio solar que nos atingisse.

Ali, em diferentes tempos, eu e meu tio Carlos, havíamos brincado quando crianças. Depois ao crescermos, tanto ele, quanto eu, migramos para a cidade e guardamos aquele lugar como nosso canto das ilusões infantis. Sair dali foi movimento de sobrevivência. Porém, naquele momento, para meu tio, voltar àquelas terras era reencontro com a vida. Desenganado pelos médicos da cidade por um problema cardíaco, há dez anos ele já havia regressado e vivia sozinho, plantando feijão, maxixe, abóbora, quiabo, andando de bicicleta e protegendo beija-flor. Seu coração havia, por um período, voltado a respirar como menino.

Quando eu era menina que brincava naquele terreiro, titio já não estava. Ele havia migrado para São Paulo. Foi trabalhar na lavoura. Na

plantação de cana-de-açúcar. Foi ser um corpo-combustível que servia a sustentação da engrenagem da nação. Ele chegou em São Paulo capital e foi levado, junto com mais nordestinos, para a região de Ararás. Onde viveu sendo transformado em cana-de-açúcar até ter o diagnóstico de cardíaco e ser devolvido para a família no interior da Bahia, no Vale do Rio Jiquiriçá, quase morto, como um bagaço de cana, aos quase sessenta e cinco anos de idade.

Meu tio foi devolvido desenganado, solteiro, sem fala e triste. A tristeza era por não ter mais trabalho. Meu tio chegou com o corpo todo moído e foi aos poucos, com o passar dos dias, com o cheiro do roseiral, voltando a sorrir. Daí ele cresceu em vontades e ninguém mais dizia que aquele senhor estava vivendo seus dias finais. Por dez anos também esquecemos aquele fim renunciado. Tudo nele floria e se renovava. Até aquele verão.

Naquele dia, à sombra peneirada do pé de fruta do conde, já sabíamos, que se um fim fosse mesmo existir, ele estava se aproximando. Meu tio amolengava de vez. Em vida, o que podemos pensar com a proximidade da morte? Eu ali, naquele verão frio, talvez porque estivéssemos no sol sombreado, comecei a pensar. E a infância me veio como resposta. Talvez porque o visse idoso, desejei saber o que ele viu quando criança. Talvez nesse meu pensamento, existisse um desejo de o rejuvenescer, de o afastar daquela sentença de acabamento de mundo. Eu talvez tenha pensado que ouvir meu tio conversar sobre suas memórias o preservasse por mais tempo vivo entre nós.

E assim lhe perguntei:

- Tio Carlos, o que o senhor lembra dessas terras quando era menino? Caminhando aqui... essa árvore já existia não, é?

- Era. Eu me alembro mesmo. Sabe de quê? Eu me alembro, Lu, de Mané da Gaita e de Venâncio o ferreiro.

- Quem foi Mané da Gaita, meu tio?

- Foi um vendedor de quebra-queixo.

- E era músico?

- Músico e manco.

- Como assim, meu tio?

- Mané não tinha uma perna, perdeu no trabalho de tirar madeira, andava com uma muleta, a caixa de quebra-queixo e uma gaita.

- E como ele tocava?

- Ele se recostava assim na parede e tocava, aquilo pra o povo aparecer pra comprar o doce.

Naquele instante eu, que já estava com um caderninho e caneta na mão, anotei esses dois nomes e fiquei ao pé do meu tio ouvindo contar suas histórias de menino. Ouvindo sobre a felicidade do doce, o assombro da presença do ferrei-

ro Venâncio, que dominava o fogo e que diziam se transformar em seres de força e mistério. Longamente o ouvi.

Naquele dia ficamos pelo terreiro até o sol começar a tingir o dia de cor acobreada e estirar sombras pelo chão. O frio se aconchegou ainda mais sobre nós e fomos nos movimentando a sair. Ele para dentro da casa, aquela casa que ele e eu havíamos vivido em nossas diferentes infâncias, ele com os pais, eu com meus avós. Agora aquela geografia era dele, ele desenhava aquele espaço sob sua própria solidão e vontades. Eu peguei estrada e voltei para a cidade.

Um ano após esse encontro nos despedimos oficialmente do meu tio. Hoje volto a casa, ao terreiro, a sombra das árvores, sinto o cheiro do roseiral e o vejo menino de tudo admirado com o mistério de Venâncio e feliz com a música e o doce de Mané da Gaita. Escrevi um livro, Mata Doce, onde juntei esses personagens do mundo dele criança. Parece que escrever um livro é um jeito de permanecer. Parece que ouvir os mais velhos é um jeito de ensolarar nossas vidas.

LUCIANY APARECIDA é escritora e doutora em letras, com pesquisas nas áreas de literatura e cultura. Seus estudos observam a literatura na interface: nação, imigração, história, memória, identidades e performances. É autora da plaquete de poemas Macala (2022) e da dramaturgia Joanna Mina (2022). Com a assinatura Ruth Ducaso publicou Contos ordinários de melancolia (2017) também publicado no Equador e Florim (2020). Tradução de seus textos em língua inglesa foram publicados em: Asymptote Journal 2018, Monoa 2019 e Jellyfish Review 2020. Em turco foi publicado, em 2021, um conto na coletânea Trendeki Yabancı, da editora Can Publishing.



Larissa Queiroz

CRÔNICAS

A BAILARINA, O POETA E OS CAMINHOS QUE ANDAM

ROBERTA MARISA

O inverno se despedia com ânsia de infinito naqueles últimos dias de maio. Na região Norte, as quatro estações chegam a confundir muita gente, resumindo-se a duas: verão e inverno. Não me confundo pois, da minha janela, observo o outono adormecido pelas águas do céu esticando-se até a última gota da primavera brotando arco-íris entre nuvens carregadas, enchendo o rio, acalentando a seca. Refiro-me ao tempo amazônico. O tempo que vejo na rua e cresce no mormaço. Esse mesmo tempo, que agora se despede arrastado, ainda este ano, alargou o rio afogando comunidades além de suas margens.

Enquanto a chuva lavava as resistentes marcas das enchentes, eu me espremia na biqueira do mercado, desejando a sorte de um encontro com ela: a bailarina da praça. Ouvi dizer que em Porto Velho existe uma bailarina com sapatilhas de carne e osso que firma o seu equilíbrio animador e instantâneo em locais públicos. A qualquer hora, sem data, no tempo da liberdade, podemos encontrá-la em qualquer praça: da Getúlio, do Baú ou entre as Três Caixas D'água.

A chuva insistia e eu esperava pelo inesperado. Eis que ao longe, quase distorcida pela distância, numa bicicleta passou uma mulher negra, carregando no corpo umas cinco décadas, vestida com a fantasia de bailarina e asas de borboleta, pedalando o seu colorido ao vento, seguindo na direção dos seus, deixando para trás apenas rastros de encantamentos na minha imaginação.

A figura clássica da praça, atravessava a importância das coisas e da vida anônima, firmando no concreto a beleza dos seus passos em instantes que eu não via. A bailarina da praça era a joia liberta da caixinha de música. Era a narrativa fantástica que eu lia estupefata: as fábulas urbanas salvam a cidade.

Naquela tarde úmida em que buganvílias derramavam sobre as poças d'água a beleza do fim, eu reolhava as pessoas e os patrimônios em construção e ruínas. Recolhia o sol e a chuva no odor do meu vestido e seguia bisbilhotando o imprevisível. Perseguia a cidade e acidentalmente ela me esbarrava, atenta, enquanto eu permanecia no mesmo lugar, esperando a chuva passar, no mercado cultural. No fundo, a chuva me servia como desculpa para esperar pelo novo.

Passavam das duas da tarde quando inesperadamente o encontrei. De um prédio antigo saiu um homem de boina cuja face eu reconhecia. Era o poeta da cidade que eu havia conhecido numa passada ocasião. Por impulso, chamei-o, e ele, que não vagava à minha espera, curvou-se ao meu encontro. Nos cumprimentamos, comentei que estava de passagem e, então, seguimos à procura de um almoço.

Caminhamos pelo mercado central: tucupi, farinha, jambú, pimenta, ervas, óleos, banhos, remédios, mel e ungentos. Box 28 abarrotado de sacos e mais sacos com alças de sandálias de borracha de todas as cores. Artesanatos de tucumã, açaí, jarina, olho de boto, patuás... e cestarias. Bancas de frutas e verduras da estação, fechadas. Pensões se fechando. Quase três e o dia se dobrando ao fim.

Beiramos o rio Madeira em um deselegante silêncio de fome. Conhece o Cai n'água? Perguntou o poeta. Não, respondi. Ao longo do caminho, os ares daquele lugar me lembravam vagamente uns bairros à beira do rio do meu Estado Acre. Comércio que vendiam de tudo, barcos, tarrafas, bicicletas, cachorros, casas de madeiras suspensas, trapiches, meninos e um rio enorme batendo no barranco do Mercado do Pescado, onde finalmente conseguimos os últimos pratos de comida com um peixe que dividimos da cabeça ao rabo. Satisfeitos, caminhamos versando sobre acasos entre longos hiatos. O poeta guardava palavras, mas me mostrava por onde a poesia andava.

Na descida da calçada do prédio do relógio, passei por cima de um pedaço de carta de baralho. Valete de paus, sabe o que é isso? Perguntou mostrando a carta explicando que de uns anos para cá passou a receber esses sinais. Primeiro vieram as cartas inteiras, disse ele. Quem se comunicava? Pensei. Consegue ler as respostas? Perguntei. No início não, mas depois, elas andaram me salvando, falou com um pensamento vago e distante.

A cada passada, a história se alongava até chegarmos no ponto em que ele desistiu de colecionar o destino e passou a descartá-las. Por ironia, o tempo permaneceu brincando com o poeta, enviando-lhe, dessa vez, pedaços rasgados de cartas. Acredite. Eu testemunhei o mistério jogando com ele. No final da nossa caminhada, outro baralho. Minhas pupilas esbugalharam de espanto. Outro pedaço de carta. Dama de copas, que eu desejei absurdamente ter tido a sorte de achar primeiro. Juntou-a do chão, espanando a sujeira e guardou-a no bolso. O poeta e o seu pedacinho de carta desgastada, me impressionava com a destreza de um mágico manipulando o seu próprio caminho, disposto a impressionar pessoas com seus truques imprevisíveis.

A magia daqueles encontros partiam sem despedidas pela noite enlutarada de segredos. A bailarina, o poeta e os caminhos que andam sozinhos revelando-me a cidade pelo avesso.

Roberta Marisa é artista acreana, nascida em 1990 em Rio Branco e criada no bairro Seis de Agosto, às margens do rio Acre. É publicitária de formação e empreendedora criativa com foco em artes visuais, literatura e projetos ligados à cultura. É autora dos livros “À beira” (2020); “Você está aí?” (2022) e “Dois Sóis” (2022), a sua recente obra que reúne contos e poemas.



#PLAYNAPOESIA



Cícero Bezerra



MANODABLIO

MANO DÁBLIO

Mano Dáblío (William Tomaz), sujeito de pensamento inquieto, arquitetando versos tem foco na poesia, música, acessibilidade e outros segmentos artísticos culturais.

Artista brasileiro, 35 anos, poeta, ator, intérprete, letrista, transformista, LGBTQIA+ e ritmizador de seus versos, inicia seu trabalho no ano 2000 no orfanato em que morou 10 anos.



CONTINUE OUVINDO



ILUSTRAÇÃO



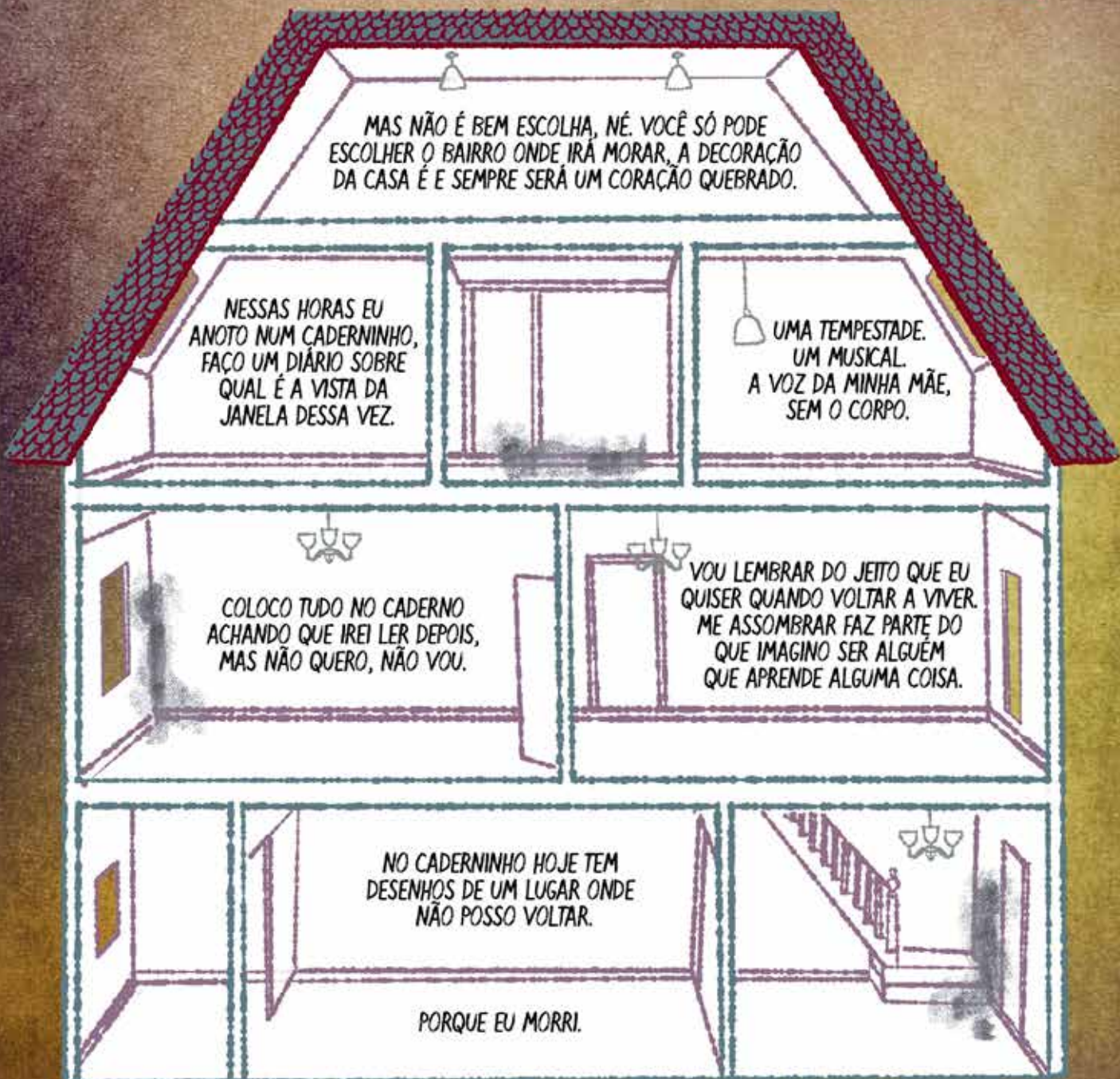
CBL (Câmara Brasileira do Livro)

Rafael Calça é escritor, roteirista de histórias em quadrinhos e animação, além de ilustrador editorial e storyboarder de publicidade. Seus trabalhos de maior destaque são Jeremias – Pele, em que junto de Jefferson Costa recriou o personagem de Maurício de Sousa em uma HQ sobre racismo na infância, tendo recebido o reconhecimento de público e crítica, além do Troféu Ângelo Agostini, Troféu HQ Mix e o prestigiado Prêmio Jabuti, e Jeremias – Alma, finalista do Prêmio Jabuti e agraciado com o Troféu HQ Mix e o Troféu Ângelo Agostini.

EU JÁ MORRI ANTES. POUCAS ETERNIDADES,
TEM GENTE QUE PASSOU POR COISA PIOR.

DAÍ NÃO SEI SE DEVERIA ESTAR
ME SENTINDO TRISTE ASSIM.

EU JÁ QUIS NÃO SENTIR NADA.
NADA QUEBRA DENTRO DE UMA CASA VAZIA.



MAS NÃO É BEM ESCOLHA, NÉ. VOCÊ SÓ PODE
ESCOLHER O BAIRRO ONDE IRÁ MORAR, A DECORAÇÃO
DA CASA É E SEMPRE SERÁ UM CORAÇÃO QUEBRADO.

NESSAS HORAS EU
ANOTO NUM CADERNINHO,
FAÇO UM DIÁRIO SOBRE
QUAL É A VISTA DA
JANELA DESSA VEZ.

UMA TEMPESTADE.
UM MUSICAL.
A VOZ DA MINHA MÃE,
SEM O CORPO.

COLOCO TUDO NO CADERNO
ACHANDO QUE IREI LER DEPOIS,
MAS NÃO QUERO, NÃO VOU.

VOU LEMBRAR DO JEITO QUE EU
QUISEI QUANDO VOLTAR A VIVER.
ME ASSOMBRAR FAZ PARTE DO
QUE IMAGINO SER ALGUÉM
QUE APRENDE ALGUMA COISA.

NO CADERNINHO HOJE TEM
DESENHOS DE UM LUGAR ONDE
NÃO POSSO VOLTAR.

PORQUE EU MORRI.

calça

TEM GENTE QUE PASSOU POR COISA PIOR.
UMA ETERNIDADE SEM TER LUGAR PRA VIVER.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Presidência do Conselho Nacional

José Roberto Tadros

Departamento Nacional

Direção-Geral

José Carlos Cirilo

Diretoria de Programas Sociais

Janaina Cunha

Gerência de Cultura

Luciana Salles

Equipe de Literatura

Diogo Borges

Henrique Rodrigues

DEPARTAMENTO REGIONAL EM PERNAMBUCO

Presidente

Bernardo Peixoto dos Santos Oliveira Sobrinho

Diretor Regional

José Oswaldo de Barros Lima Ramos

Chefe de Gabinete

Antônio Inocência Lima

Diretora de Administração e Finanças

Socorro Costa

Diretora de Programas Sociais

Paula Santos Lourenço

Gerente de Cultura

Rudimar Constância

Gerente de Comunicação e Marketing

Ana Rosa Cavalcanti

Professor II - Literatura

Pedro Teixeira

REVISTA PALAVRA

Curadoria de Conteúdo

Diogo Borges

Henrique Rodrigues

Pedro Teixeira

Produção Editorial

Wagner Sacchetto

Projeto Gráfico e Diagramação

Rodrigo Cabido

Revisão

Simone Santos (MG 03194 JP)

Impressão

Rona editora

©Sesc Departamento Nacional, 2023

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei n. 9.610 de 19/02/1998.

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem,
necessariamente, a opinião da revista.

palavra ISSN
2178-1443

ano 13. número 12. 2023. sesc. literatura em revista.



Vinte
mil
exemplares
para
distribuição
gratuita.

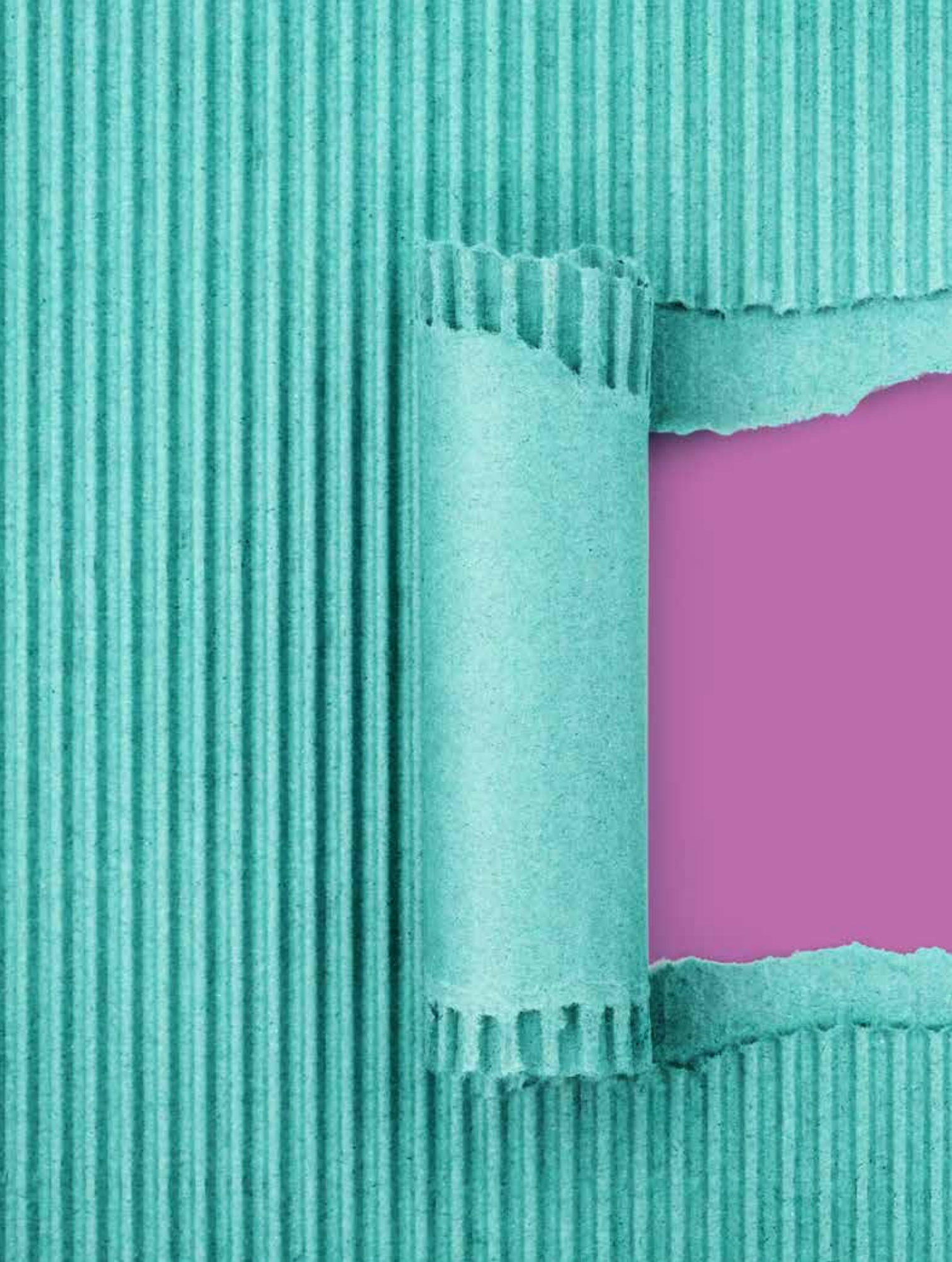
Escreva-nos!

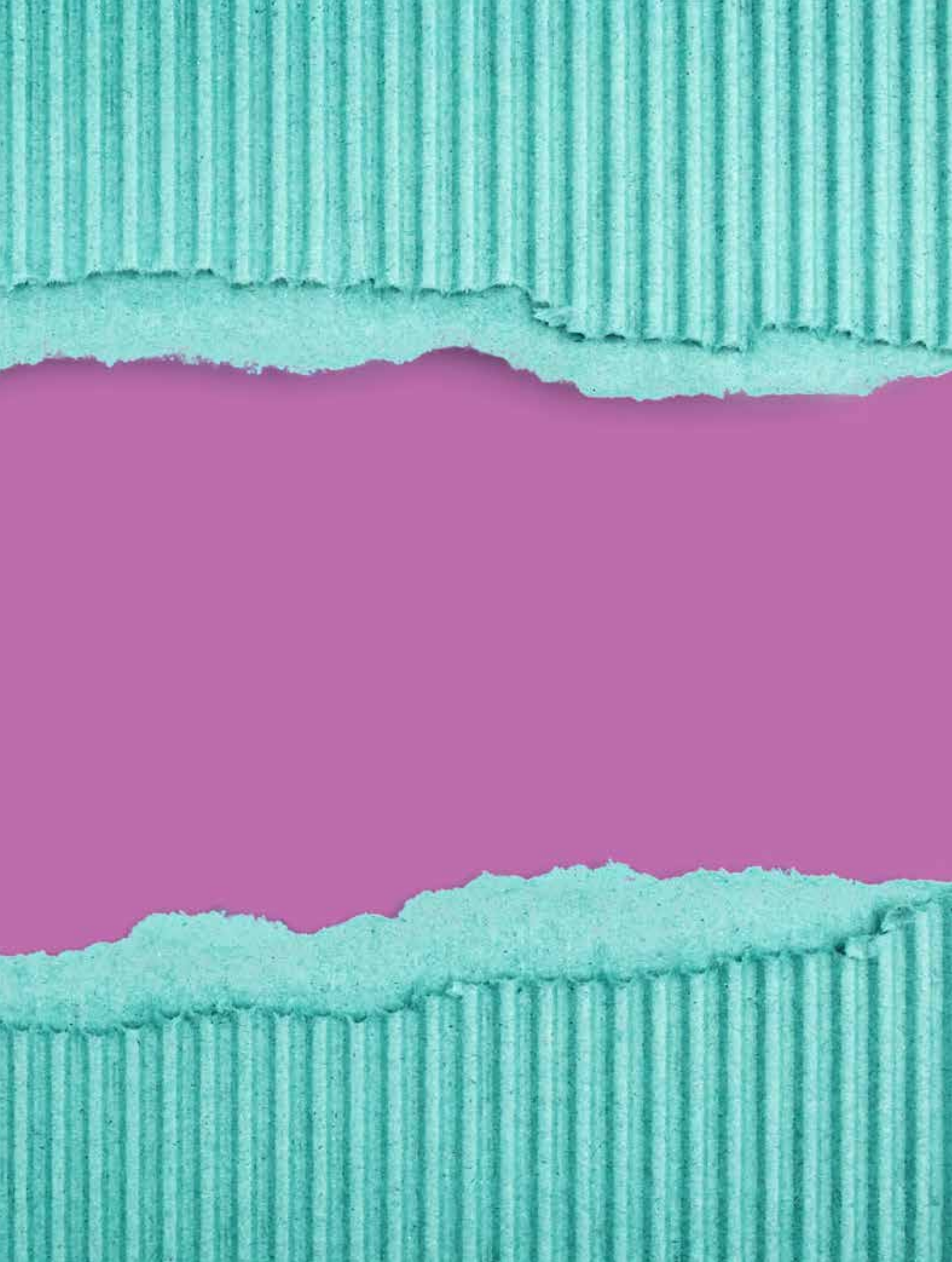
Sua opinião é muito importante
para o aprimoramento da revista.

Para o recebimento
de exemplares, entre em contato
conosco pelo e-mail:

secascom@sesc.com.br









www.sesc.com.br